



MAYRA MENDES

**O DISCURSO DE DIOTIMA EM *O BANQUETE* DE
PLATÃO**

**LAVRAS – MG
2019**

MAYRA MENDES

**O DISCURSO DE DIOTIMA EM *O BANQUETE DE*
PLATÃO**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Filosofia, para a obtenção do título de Licenciado.

Prof. Dr. Luiz Roberto Takayama
Orientador

LAVRAS – MG
2019

MAYRA MENDES

O DISCURSO DE DIOTIMA EM *O BANQUETE* DE PLATÃO

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Filosofia, para a obtenção do título de Licenciado.

APROVADA em 10 de dezembro de 2019.

Dr. Prof. Renato dos Santos Belo UFLA

Dr. Prof. Roney Wagner Vieira UFLA

Prof. Dr. Luiz Roberto Takayama
Orientador

**LAVRAS – MG
2019**

A Deus, aos meus pais e irmãos.

Dedico

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Lavras (UFLA), especialmente ao Departamento de Ciências Humanas (DCH), pela oportunidade concedida para a realização da graduação. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ao professor Luiz Roberto Takayama pela orientação.

Aos meus pais Luis Flávio Mendes e Maria Eunice Oraboni Mendes por todo o incentivo ao longo desses anos, ao meu irmão Tiago por toda ajuda fundamental, e a minha irmã Tainára por todo o apoio desde o meu primeiro contato com a faculdade. Ao Matheus pela paciência, amor e companheirismo. E a todos os colegas que tive o prazer de conhecer no decorrer dessa trajetória.

“Assim, múltiplo e grande, ou melhor, universal é o poder que em geral tem todo o Amor, mas aquele que em torno do que é bom se consoma com sabedoria e justiça, entre nós como entre os deuses, é o que tem o máximo poder e toda felicidade nos prepara, pondo-nos em condições de não só entre nós mantermos convívio e amizade, como também com os que são mais poderosos que nós, os deuses.”

(Platão, Banquete, 188d)

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade analisar o que consideramos ser o ponto central do diálogo *O Banquete* de Platão: o discurso de Sócrates, ou então, o discurso de Diotima. A partir dessa análise que se segue àquela dos outros discursos sobre o Amor, propõe-se discutir a presença feminina da sacerdotisa de Mantinéia no diálogo e sua relação com seu discípulo, Sócrates. De forma mais ampla, isso nos remete à situação da mulher na atividade filosófica, problema que também procuramos levantar.

Palavras-chave: *O Banquete*; Platão; o Amor; Diotima; mulheres; filosofia

SUMÁRIO

1	PARTE 1 – MONOGRAFIA	9
1.1	INTRODUÇÃO	9
1.2	CAPÍTULO 1: OS DISCURSOS SOBRE O AMOR.....	11
1.2.1	PREÂMBULO	11
1.2.2	O FESTIM DE AGATÃO	11
1.2.3	O DISCURSO DE FEDRO.....	13
1.2.4	O DISCURSO DE PAUSÂNIAS.....	14
1.2.5	O DISCURSO DE ERIXÍMACO	18
1.2.6	O DISCURSO DE ARISTÓFANES	20
1.2.7	O DISCURSO DE AGATÃO.....	22
1.3	CAPÍTULO 2: DISCURSO DE SÓCRATES OU DE DIOTIMA?.....	26
1.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
1.5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
2	PARTE 2 – PLANO DE CURSO	46
2.1	INTRODUÇÃO	46
2.2	JUSTIFICATIVA E OBJETIVO GERAL.....	46
2.3	METODOLOGIA	47
2.4	ESQUEMA GERAL DO PLANO DE CURSO	47
2.5	DISPOSIÇÃO DETALHADA DAS AULAS.....	49
2.6	CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DO CURSO	56

1 PARTE 1 – MONOGRAFIA

1.1 INTRODUÇÃO

*O Banquete*¹(*Symposion*) é uma das mais importantes obras da filosofia clássica grega. Nela, o intuito de Platão foi o de demonstrar a relação entre o Amor (*Eros*) e a dialética por meio de uma narrativa envolvendo um grupo de participantes de uma celebração – um banquete – na casa de Agatão. O principal tema do diálogo é o Amor, e através de elogios, os personagens buscam responder, da maneira que consideram mais adequada, todo o processo envolvido no tema principal.

Os diálogos platônicos apresentam diversas temáticas, como a política, arte, religião, justiça, medicina, vício e virtude, crime e castigo, sofrimento e prazer, sexualidade e a natureza humana, amor e sabedoria, entre outros. N' *O Banquete* o tema principal é o amor. Trata-se de um diálogo escrito por volta de 380 a.C, porém a questão tratada mantém sua atualidade, o que mostra a pertinência do texto platônico.

Na prática, a obra está mais para uma série de narrativas do que precisamente um diálogo. Nela, os participantes Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Agatão e Sócrates disputam quem realiza o melhor discurso sobre o Amor. O banquete é caracterizado como um encontro onde os participantes se colocam a elogiar o Amor, sugestão de Erixímaco; menos Sócrates que se recusa a fazer um elogio à maneira dos demais, preferindo falar somente a verdade (199a).

A obra proporciona a condição do leitor de analisar e refletir de forma particular cada personagem, já que os mesmos são inseridos no diálogo sem que se tenha uma apresentação anterior às argumentações. Assim, os personagens são revelados a partir das suas próprias falas. Nessa perspectiva, uma personagem, em especial, se destaca no diálogo: trata-se de Diotima, a sacerdotisa de Mantinéia, figura enigmática que levanta uma série de problemas. Personagem histórica que teria realmente existido ou personagem fictícia inventada por Platão? Uma “filósofa” aparecendo como mestre de Sócrates nas questões do amor? Por que a presença, ainda que indireta, de uma figura feminina num banquete feito por homens e para homens numa sociedade feita por

¹ Utilizarei a tradução de José Cavalcante de Souza (1972); as referências a esse diálogo serão feitas de acordo com a paginação de Stephanus.

homens e para homens? Discurso de Sócrates ou seria antes o discurso de Diotima? Tais seriam algumas das questões que gostaríamos de discutir.

Em relação à estrutura do diálogo, pode se dizer que *O Banquete* se apresenta em quatro grandes partes: o preâmbulo, uma segunda parte que diz respeito aos cinco discursos iniciais; uma terceira parte, aquela que mais nos interessa, que se refere ao discurso de Diotima reproduzido por Sócrates; e por fim, uma quarta, que corresponde ao discurso de Alcibíades, na verdade um elogio a seu mestre Sócrates.

Sendo assim, antes de entrar propriamente no ponto principal desta monografia, tratarei de apresentar o preâmbulo e a primeira parte dos discursos do Banquete no primeiro capítulo, na qual serão analisados exatamente na mesma ordem encontrada no diálogo. A intenção é apresentar o início da obra, os detalhes de cada discurso, de modo a preparar para o segundo capítulo, onde será abordado a terceira e principal parte do diálogo: o discurso de Sócrates². Nesse segundo capítulo, após uma análise detalhada do discurso, pretendo discutir algumas questões relativas à presença da sacerdotisa Diotima no diálogo.

² Apesar de sua importância no diálogo, deixamos de lado a análise do discurso de Alcibíades porque nos distanciáramos do tema de nosso trabalho.

1.2 CAPÍTULO 1: OS DISCURSOS SOBRE O AMOR

1.2.1 PREÂMBULO

A obra inicia-se quando um companheiro de Apolodoro, não nomeado no diálogo, o questiona a respeito de um banquete no qual foram feitos discursos sobre o amor e do qual participaram Agatão, Sócrates, Alcibíades entre outros. Apolodoro responde estar preparado para narrar o ocorrido, pois já o havia feito recentemente a um conhecido chamado Glauco, quando voltava à cidade vindo de Falero. Ele busca reproduzir o relato tal como havia ouvido de um discípulo fervoroso de Sócrates chamado Aristodemo, o qual também tinha participado do referido banquete. Apolodoro conta ainda que teria questionado o próprio Sócrates sobre o tal acontecimento e que este havia confirmado as palavras de Aristodemo. Apolodoro começa então a contar a seu companheiro o que havia ouvido de Aristodemo acerca do festim.

1.2.2 O FESTIM DE AGATÃO

Antes de reproduzir os discursos proferidos no banquete, Apolodoro inicia seu relato pelas circunstâncias em que ele se deu, tal como teria ouvido de Aristodemo. Este havia encontrado Sócrates bem arrumado, pois se aprontava para participar de um jantar em comemoração à vitória do poeta Agatão em um concurso de tragédias. Sócrates diz a ele que no dia anterior, na primeira cerimônia de vitória do concurso, teria evitado Agatão por medo da multidão, mas que naquele dia não deixaria de comparecer ao festim. Estava assim tão embelezado pelo fato de estar indo até a casa de um belo. Logo em seguida, Aristodemo diz ter sido convidado por Sócrates a acompanhá-lo ao banquete e foi assim que seguiram juntos em direção à casa de Agatão. Chegando até lá, Aristodemo acaba entrando na casa de Agatão sem Sócrates, uma vez que o mesmo teria ficado para trás.

Agatão, por sua vez, pede a um dos servos que encontre Sócrates e o traga para ali, e também pede que Aristodemo sente-se ao lado de Erixímaco, o médico, um dos convidados do jantar. Após não muito tempo, mas já no meio da refeição, entra Sócrates. Agatão então o convida para que se sente ao seu lado de modo que em seu contato desfrute de sua sabedoria. Sócrates diz que, pelo contrário, é ele que, sentando-se ao seu lado estaria “cumulado com uma vasta e bela sabedoria” (175e). Agatão,

percebendo a ironia de Sócrates, chama-o de “insolente” e acrescenta que mais adiante se decidirá a respeito da sabedoria de ambos, convidando-o então para se aprontar para o jantar (175e - 176a)

Depois das libações, dos hinos ao deus e dos ritos de costumes todos se colocaram a beber novamente. Pausânias coloca em questão qual seria a melhor forma de beber, levando em conta que todos pudessem beber da forma mais cômoda possível. Aristófanes e Erixímaco concordam com Pausânias, uma vez que os ali presentes não se encontravam com disposição para a bebida por conta da bebedeira do dia anterior.

Depois de Erixímaco, com toda a sua prática da medicina, expor o mal da embriaguez, aparece Fedro, mais um dos convidados envolvidos dizendo que está sempre a dar atenção ao que provém da medicina e concorda em não se embriagar nessa reunião. Erixímaco propõe que todos ali bebam a seu bel-prazer e em seguida sugere que a flautista que havia acabado de chegar se retirasse e passasse a flautear para si mesma ou para as mulheres que estavam lá dentro (176e), enquanto eles e os demais participantes do banquete continuassem a reunião fazendo discursos. Nesse momento, vemos o quanto a condição da mulher naquela época era algo restrito, uma vez que o pedido de retirada da flautista do ambiente faz parecer que ali não seria um ambiente para mulher. De acordo com Macedo (2001), naquela época a mulher era condenada ao silêncio e o homem ao discurso.

Cabe apresentar aqui alguns aspectos sobre a condição da mulher na Grécia Clássica, onde a mesma era privada da participação na vida pública e jurídica e eram submetidas socialmente. As mulheres gregas atenienses eram consideradas objetos dos seus pais e maridos os quais as confinavam dentro de casa, privando-as da vida social e apresentando como única opção a vida doméstica. A situação social da mulher grega antiga era determinada pelo meio cultural e econômico no qual ela estava inserida, sendo assim quanto maior o nível cultural e econômico daquela sociedade maiores eram as “mordomias”. A classe social determinava fortemente a autonomia das mulheres da época. Entretanto, tratarei de expor melhor a respeito da condição da mulher no diálogo, no segundo capítulo.

Continuando sua proposição, Erixímaco conta que Fedro frequentemente lhe diz que se encontra insatisfeito com o fato de que, em se tratando do Amor, não havia hinos e peãs (177b), isto é, não havia hinos de louvor e gratidão a um deus tão grande e digno como o Amor assim como havia para os outros deuses. E de forma a mostrar toda a sua indignação, se diz inconformado por haver elogios destinados até mesmo à utilidade do

sal, enquanto o Amor era ignorado pelos poetas. Erixímaco, buscando acabar com a insatisfação de Fedro, propõe então que todos os presentes aproveitassem a reunião para fazer os mais belos discursos acerca do Amor, de forma a elogiá-lo da melhor maneira possível. Tendo todos concordado, fica estabelecida a ordem das falas, iniciando com Fedro, já que este era de fato o “pai da ideia”, e terminando com Sócrates (177d).

1.2.3 O DISCURSO DE FEDRO

A exposição se inicia com Fedro dizendo ser o Amor um grande deus, antigo e honroso, e que pelo fato de ser o mais antigo seria também a causa primeira de todos os bens. Assim, segundo Fedro, não haveria maior bem a um amado do que um bom amante e, para um amante, o seu bem amado, pois é o Amor quem mais pode oferecer aquilo que deve dirigir a vida dos homens nobres, ou seja, a vergonha do que é feio e o apreço do que é belo (178d).

Afirmo eu então que todo homem que ama, se fosse descoberto a fazer um ato vergonhoso, ou a sofrê-lo de outrem sem se defender por covardia, visto pelo pai não se envergonharia tanto, nem pelos amigos nem por ninguém mais, como se fosse visto pelo bem-amado. (178e)

Aquele que ama teme ser descoberto em uma situação vergonhosa, sentindo-se constrangido diante do amado. Logo, o maior bem é ser um bom amante, visto que o bom amante será virtuoso, pois estará em constante preocupação em não decepcionar seu amado. O Amor inspira a coragem do amante, tornando-o cada vez mais virtuoso:

E quanto a abandonar o amado ou não socorrê-lo em perigo, ninguém há tão ruim que o próprio Amor não o torne inspirado para a virtude, a ponto de ficar ele semelhante ao mais generoso de natureza; e sem mais rodeios, o que disse Homero “do ardor que a alguns heróis inspira o deus”, eis o que o Amor dá aos amantes, como um dom emanado de si mesmo. (179b)

Fedro apresenta, então, outro exemplo da virtude concedida pelo Amor: só aquele que ama, seja homem ou mulher, torna-se capaz de morrer por outro. Ele se utiliza do caso envolvendo Alceste, no qual ela aceita morrer no lugar de seu marido, Admeto. Alceste aceita fazer por amor o que nem os pais de Admeto aceitaram fazer para seu filho, e o seu gesto acarretou na sua volta à vida como um prêmio por sua atitude honrosa: “é assim que até os deuses honram o máximo o zelo e a virtude no amor” (179d). Um outro exemplo é o de Aquiles, mas desta vez é o amado que morre

pelo seu amante, Pátroclo, e por isso foi mais honrado pelos deuses do que Alceste, sendo enviado às ilhas dos bem-aventurados (180b).

Fedro então conclui:

Assim, pois, eu afirmo que o Amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte. (180b-c)

1.2.4 O DISCURSO DE PAUSÂNIAS

Pausânias inicia seu discurso dirigindo-se a Fedro e dizendo não lhe parecer bela a maneira como foi proposto o tema de seus discursos, ou seja, como uma “simples prescrição de um elogio ao Amor” (180c). Pois, para ele, não existe somente um Amor, mas sim dois, visto que não há Amor sem Afrodite, e que há duas Afrodites:

Uma, a mais velha sem dúvida, não tem mãe e é filha de Urano, e a ela é que chamamos de Urânia, a Celestial; a mais nova, filha de Zeus e de Dione, chamamo-la de Pandêmia, a Popular. É forçoso então que também o Amor, coadjuvante de uma, se chame corretamente Pandêmio, o Popular, e o outro Urânio, o Celestial (180d-e).

O que Pausânias faz é mostrar que se há duas Afrodites, há dois Amores e que ele elogiará somente um deles da maneira como um deus merece ser louvado. De acordo com Pausânias, nenhuma ação pode ser considerada como bela ou feia em si mesma. A ação de forma absoluta não carrega essa característica em si, o que a torna bela ou feia é o modo como ela é realizada. E assim sendo, segundo Pausânias o Amor em si não é totalmente digno de louvor e nem pode ser considerado belo, admirável, honrado e poderoso, como disse Fedro. O Amor só pode ser considerado belo na medida em que leva ao que é belo e louvável: “Assim é que o amar e o Amor não é todo ele belo e digno de ser louvado, mas apenas o que leva a amar belamente” (180b).

Assim, continua Pausânias, o Amor de Afrodite que os gregos chamavam de Pandêmia, a Popular, é aquele pelo qual os homens vulgares amam. E é assim que estes amam tanto as mulheres como os jovens e neles, mais o corpo do que a alma; e amam ainda os mais desprovidos de inteligência, tendo como meta apenas efetuar o amor físico, sem se preocuparem se o fazem decentemente ou não, podendo então tanto produzir o que é bom como o que é mau. Esse Amor é aquele que provém da Afrodite mais jovem, a Pandêmia, aquela que participa do amor pelo macho e pela fêmea. Já o Amor que corresponde à Afrodite Urânia, a Celestial, é aquele que não participa da

fêmea, mas somente do macho, do amor aos jovens. Por ser uma deusa mais madura, mais velha, isenta de violência, inspira o amor ao que é másculo, ao que é mais forte e inteligente, participa do amor não pelos meninos mas por aqueles que já começam a ter juízo. Aqueles tomados pelo Amor Celestial se encontram dispostos, diz Pausânias, “a amar para acompanhar toda a vida e viver em comum, e não a enganar e, depois de tomar o jovem em sua inocência e ludibriá-lo, partir à procura de outro” (181d). Segundo Pausânias, deveria haver uma lei que proibisse a relação com os meninos, uma vez que é difícil de prever o que eles se tornarão com respeito aos seus vícios e virtudes tanto da sua alma quanto no seu corpo. Além disso, essa lei deveria ser obrigada aos amantes populares, pois de acordo com Pausânias,

São estes, com efeito, os que justamente criaram o descrédito, a ponto de alguns ousarem dizer que é vergonhoso o aquiescer aos amantes; e assim o dizem porque são estes os que eles consideram, vendo o seu despropósito e desregramento, pois não é sem dúvida quando feito com moderação e norma que um ato, seja qual for, incorreria em justa censura (182a)

Sobre a lei do amor, Pausânias sustenta que, se nas demais cidades ela é simples e fácil de ser compreendida, em Atenas ela se mostra complexa. Em lugares como Elida, Lacedemônia e Beócia, diz Pausânias, ficou estabelecido que é belo ceder aos amantes sem que se discuta sobre isso, uma vez que se encontrariam dificuldades para persuadir os jovens através de palavras em cidades como essas cujos habitantes não sabem falar. Por outro lado, prossegue ele, entre os bárbaros ocorre o inverso, sendo considerado feio esse amor por causa da tirania, pois não interessa aos tiranos que “nasçam grandes ideias entre os governados, nem amizades e associações inabaláveis, o que justamente, mais do que qualquer coisa, costuma o amor inspirar” (182c). Desse modo, conclui Pausânias, onde ficou estabelecido que é feio o amor aos jovens, isso se deve à ambição dos governantes e à covardia dos governados; nos lugares que, ao contrário, se determinou que esse amor é belo, isso se deu pela inércia dos que assim estabeleceram. Porém, em Atenas, argumenta Pausânias, a norma instituída a esse respeito é muito mais bela, embora seja mais difícil de ser entendida. Isto porque, pela forma como o amor aos jovens é tratado em diversas situações, diz Pausânias, “poder-se-ia pensar que se considera inteiramente belo nesta cidade não só o fato de ser amante como também o serem os amados amigos dos amantes” (183c). No entanto, em outras situações, diz ele, é exatamente o contrário que poderia ser concluído, ou seja, que é muito feio esse amor. Pausânias, então, explica esse fato aparentemente contraditório:

O que há porém é, a meu ver, o seguinte: não é isso uma coisa simples, o que justamente se disse desde o começo, que não é em si e por si nem belo nem feio, mas se decentemente praticado é belo, se indecentemente, feio. Ora, é indecentemente quando é a um mau e de modo mau que se aquiesce, e decentemente quando é a um bom e de um modo bom. E é mau aquele amante popular que ama o corpo mais que a alma; pois não é ele constante, por amar um objeto que também não é constante. (...) Ao contrário, o amante do caráter, que é bom, é constante por toda a vida, porque se fundiu com o que é constante. Ora, são esses dois tipos de amantes que pretende nossa lei provar bem e devidamente, e que a uns se aquiesça e dos outros se fuja. (183d - 184a)

Pausânias já havia dito anteriormente que o Amor não era em si nem belo e nem feio, o que o caracterizava era a forma como o Amor agiria. Ou seja, o Amor praticado decentemente seria belo enquanto o Amor praticado indecentemente seria feio. Portanto, seria mau aquele amante popular, o que prefere amar os corpos, amante não constante porque ama algo não constante. E bom seria o amante de caráter, de alma, amante constante porque se uniu ao que é constante. Assim, somente o amor que apresenta constância é que é considerado belo; somente o amante constante é considerado bom. Segue-se daí que:

Um só caminho resta à nossa norma, se deve o bem-amado decentemente aquiescer ao amante. É com efeito norma entre nós que, assim como para os amantes, quando um deles se presta a qualquer servidão ao amado, não é isso adulação nem um ato censurável, do mesmo modo também só outra única servidão voluntária resta, não sujeita a censura: a que se aceita pela virtude. Na verdade, estabeleceu-se entre nós que, se alguém quer servir a um outro por julgar que por ele se tornará melhor, ou em sabedoria ou em qualquer outra espécie de virtude, também esta voluntária servidão não é feia nem adulação. (184c)

Portanto, a servidão do amante em relação ao amado não pode ser considerada como uma ação vergonhosa em si mesma; se ela está a serviço da sabedoria ou de outra virtude, então ela será considerada boa. Do mesmo modo, o aquiescer do amado ao amante não é um ato mau em si mesmo; ele será considerado bom se ele se encontra igualmente a serviço da sabedoria ou de outra virtude.

Quando com efeito ao mesmo ponto chegam amante e amado, cada um com a sua norma, um servindo ao amado que lhe aquiesce, em tudo que for justo servir, e o outro ajudando ao que o está tornando sábio e bom, em tudo que for justo ajudar, o primeiro em condições de contribuir para a sabedoria e mais virtudes, o segundo em precisão de adquirir para a sua educação e demais competência, só então, quando ao mesmo objetivo convergem essas duas normas, só então é que

coincide ser belo o aquiescer o amado ao amante e em mais nenhuma outra ocasião. (184d-e)

Nessas condições, Pausânias mostra que até mesmo ser enganado não é algo mau em si mesmo. Se o amado aquiesce ao amante em vista da riqueza deste e descobre depois que ele é pobre, então seu engano é algo feio e vergonhoso, “pois parece tal tipo revelar justamente o que tem de seu, que pelo dinheiro ele serviria em qualquer negócio a qualquer um, e isso não é belo” (185a). Se, por outro lado, o amado aquiesce ao amante por ter achado que este era uma boa pessoa e com ele se tornaria mais virtuoso e depois descobre ter se enganado, “mesmo assim belo seria o engano; pois também nesse caso parece ter deixado presente sua própria tendência: pela virtude e por se tornar melhor, a tudo ele se disporia em favor de qualquer um, e isso é ao contrário o mais belo de tudo” (185b).

No início de sua fala, Pausânias dizia que dos dois Amores existentes ele iria se colocar a dizer qual o que se deveria elogiar; ao final, ele conclui que somente o Amor Celestial seria aquele digno da honra. Considerando que o amor popular pelo corpo é inconstante, assim o amor pela alma, o que podemos chamar de amor intelectual é tido, por Pausânias, como superior, uma vez que envolve a sabedoria e a virtude. A Afrodite Urânia, a Celestial, inspira o Amor intelectual. Nele, o amante e o amado seguem em busca da virtude e da sabedoria enquanto o outro Amor nasce da deusa Pandêmia, a Popular, à qual corresponde o amor físico, o amor pelo corpo. Nesse ponto, vemos que, para Pausânias, a virtude deve estar presente tanto no amante quanto no amado. Para Fedro, parecia acontecer diferente, uma vez que ele parecia se preocupar somente com as atitudes do amante para com o amado. Outra diferença é que, de acordo com Pausânias, o amor considerado belo e digno de louvor é o amor da Afrodite Urânia, que somente participa do sexo masculino, e Fedro em seu discurso não estabelece o sexo que o amor deve participar para que seja honrado, para ele esse fator não parece interferir.

Pela ordem dos discursos, o próximo a discursar seria Aristófanes, porém, como disse Aristodemo, Aristófanes sofreu uma crise de soluços o que o impossibilitou de se pronunciar. Erixímaco, o médico presente, é indicado por Aristófanes para apresentar uma cura para seus soluços e também para discursar em seu lugar, até que ele se sinta bem para falar novamente. Em seguida, Erixímaco responde se propondo a fazer as duas indicações de Aristófanes.

1.2.5 O DISCURSO DE ERIXÍMACO

Após receitar um tratamento para conter os soluços de Aristófanes, Erixímaco inicia seu discurso, aprovando a ideia da duplicidade do amor, porém acrescentando que Pausânias não havia terminado seu discurso de maneira apropriada e se propõe então a arrematá-lo.

Inicia dizendo que a distinção entre dois Amores feita por Pausânias não se encontra somente na alma dos homens e em relação aos belos jovens, “mas também nas outras partes, e para com muitos outros objetos, nos corpos de todos os outros animais, nas plantas da terra e por assim dizer em todos os seres (...)” (186a). E isso, ele diz ter constatado através de sua arte, a medicina, e é por ela que ele se propõe iniciar a sua fala, a fim de homenageá-la assim como ao deus. A medicina, segundo Erixímaco, seria a ciência responsável pelos fenômenos do amor próprios do corpo, capaz de definir o belo amor e o feio. E o bom profissional da medicina seria aquele capaz de detectar o belo e o feio amor, e mais ainda, seria aquele capaz de transformá-lo de forma que o feio se torne belo ou vice-versa, e também aquele que faz florescer o amor onde já não mais existe mas que seja necessário, e de eliminar quando se possui. A medicina então seria a ciência responsável pela harmonia dos elementos corporais, sejam eles os mais contrários, de modo que se amem mutuamente.

De acordo com Erixímaco, a medicina é baseada no deus Asclépio, ele que é tanto pela mitologia grega quanto pela mitologia romana, o deus da medicina e da cura. E seguindo esses mesmos princípios, a ginástica, a agricultura e a música também se comportam. Ele vai dizer ainda, que o agudo e o grave se discordam em determinado momento, porém concordam na medida em que se resulta em uma arte musical. O mesmo então acontece com Amor, os elementos corporais por mais opostos que sejam, se resultam nele. Ele diz isso relacionando a seguinte fala de Heráclito “discordando em si mesmo, consigo mesmo concorda, como numa harmonia de arco e lira” (187a). Erixímaco diz que, talvez, com essas palavras, Heráclito quisesse dizer que embora haja certa discordância, pode ser que mais adiante se tenha uma harmonia, segundo ele “a harmonia é consonância” (187b). E essa harmonia é capaz de combinar esses concordantes, de modo que, no exemplo apresentado anteriormente, o agudo e o grave que antes eram contrários, dissociados, não combinantes, passam a se combinar, passam a entrar em harmonia quando se resultam em arte musical. Erixímaco apresenta ainda,

um segundo exemplo, do rápido e lento que quando entram em harmonia resultam no ritmo.

Erixímaco, retomando o que já havia dito sobre o fato de a medicina ser a ciência dos fenômenos do amor, passa então a relacioná-la com esse desenvolvimento. Ou seja, ele vai dizer que, assim como apresentado nos exemplos anteriores, a medicina também realiza essa harmonia entre contrários, dissociados. O bom médico é aquele que consegue identificar a duplicidade dos amores contrários e harmonizá-los na cura.

Ele defende que o mundo é composto por opostos e o mundo real é onde esses opostos estão misturados, dizendo ainda que o mundo apresenta esses opostos de maneira harmonizada e o amor é responsável por essa harmonia. Que o amor é a força que atrai ordenadamente esses opostos e a harmonia é o equilíbrio desses opostos. De forma que, o amor saudável é o amor equilibrado. O ciúme, por exemplo, se apresentado de maneira exagerada é destrutivo; mas do contrário é sinal de desprezo, sinal de que a pessoa não se importa.

Pois de novo revém a mesma ideia, que aos homens moderados, e para que mais moderados se tornem os que ainda não sejam, deve-se aquiescer e conservar o seu amor, que é o belo, o celestial, o Amor da musa Urânia; o outro, o de Polímnia, é o popular, que com precaução se deve trazer àqueles a quem se traz, a fim de que se colha o seu prazer sem que nenhuma intemperança ele suscite (...)” (187d-e)

Assim, ao estender a ação de dois Amores a todas as coisas, ao corpo humano, às plantas e animais, aos sons, à constituição das estações, às pestes e até à relação dos homens com os deuses, Erixímaco faz da astronomia, da arte divinatória, da música, artes da cura como a medicina: “Tanto na música então, como na medicina e em todas as outras artes, humanas e divinas, na medida do possível, deve-se conservar um e outro amor; ambos, com efeito, nelas se encontram” (187e - 188a).

Erixímaco conclui então sua visão universalista do Amor e da medicina:

Assim, múltiplo e grande, ou melhor, universal é o poder que em geral tem todo o Amor, mas aquele que em torno do que é bom se consuma com sabedoria e justiça, entre nós como entre os deuses, é o que tem o máximo poder e toda felicidade nos prepara, pondo-nos em condições de não só entre nós mantermos convívio e amizade, como também com os que são mais poderosos que nós, os deuses” (188d).

Vemos, no discurso de Erixímaco, que além de apresentar um complemento para a fala de Pausânias, ele também estabelece um paralelo entre o Amor e a sua arte, a

medicina. O que ele quer mostrar é que os Amores devem ser dosados, devem ser cuidados para que não causem malefícios, e quando já há a presença de males, estes devem ser curados através da harmonia dos opostos. Enquanto que para Pausânias a alma é mais importante do que o corpo, para Erixímaco é preciso uma harmonia entre os dois.

1.2.6 O DISCURSO DE ARISTÓFANES

Aristófanes, depois de cessado o seu soluço pelas prescrições do médico Erixímaco, inicia seu discurso dizendo que a sua exposição tratará de algo diferente do que foi visto nos discursos anteriores. Aristófanes inicia acusando os homens de não terem percebido o poder do amor (189c), uma vez que se tivessem, o amor contaria com os maiores templos, altares e sacrifícios. Para Aristófanes o deus do Amor é o mais amigo dos homens (189d), já que é aquele que serve de médico para a cura do que garante a maior felicidade possível para a humanidade.

E então, a partir da exposição da natureza humana, através do mito do “Andrógino”, Aristófanes apresenta o que seria o grande poder do Amor. Ele começa relatando que no passado havia três tipos de gêneros humanos: o feminino, o masculino, e o que ele chama de Andrógino, que era comum aos dois: “andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra”. (189e) Eram espécies com o dorso redondo, os flancos em círculo (189e), segundo ele. Possuíam o dobro do que temos hoje, ou seja; quatro mãos, quatro pernas, dois rostos, quatro orelhas, dois sexos, e tudo mais que se pudesse imaginar nesse sentido. Eram eretos e movimentavam-se muito rapidamente. Como já dito, se dividiam em três tipos de gêneros: o masculino, descendente do sol; o feminino da terra, e o que participava de ambos, da lua. E, de acordo com Aristófanes, seria justamente essa divisão que ocasionava a atração das pessoas pelo mesmo sexo.

Por se tratarem de espécies de genitores semelhantes, eles eram circulares tanto em seu formato como em sua locomoção. Possuíam uma força e uma grande coragem e por isso, em determinado momento, resolveram se voltar contra os deuses, resolvendo escalar o céu, para então espioná-los. Zeus e os demais deuses, diante daquela situação, se colocaram a pensar sobre o que fazer com aquela espécie que estava ali a os vigiar. Se os matassem não teria mais quem o louvasse na terra, por outro lado não poderia

deixar passar despercebido o que estava ali acontecendo. Depois de refletir, Zeus decide cortá-los ao meio, em dois, para que se tornassem mais fracos, mais numerosos e conseqüentemente andando sob duas pernas.

[...] pôs-se a cortar os homens em dois, como os que cortam as sorvas para a conserva, ou como os que cortam ovos com cabelo; a cada um que cortava mandava Apolo voltar-lhe o rosto e a banda do pescoço para o lado do corte, a fim de que, contemplando a própria mutilação, fosse mais moderado o homem, e quanto ao mais ele também mandava curar. Apolo torcia-lhes o rosto, e repuxando a pele de todos os lados para o que agora se chama o ventre, como as bolsas que se entouxam, ele fazia uma só abertura e ligava-a firmemente no meio do ventre, que é o que chamam umbigo. As outras pregas, numerosas, ele se pôs a polir, e a articular os peitos, com um instrumento semelhante ao dos sapateiros quando estão polindo na forma as pregas dos sapatos; umas poucas ele deixou, as que estão à volta do próprio ventre e do umbigo, para lembrança da antiga condição. (190e-191a)

Depois disso, essas espécies tiveram que viver neste formato. Aristófanes diz que foi nesse exato momento que nós ganhamos a forma que temos hoje e o nosso umbigo é um dos sinais dessa antiga natureza. Zeus colocou em nós o amor, e neste o desejo alucinado pra reencontrar a nossa outra metade:

ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. (191a-b)

No meio de tantas, existe apenas uma pessoa capaz de nos fazer feliz completamente. Existe apenas uma metade e quando encontrarmos essa metade não teremos dúvidas de que é ela, teremos interesse, pois lembraremos o tempo em que éramos apenas um. O ser humano vive em busca dessa metade, pois só ela poderá proporcionar a felicidade suprema, ele vive pra esse desejo de ser inteiro e achar alguém que o complete.

Assim como os três tipos de gêneros, a geração e reprodução também não eram as mesmas, antes, ocorriam na terra e não no outro, como agora. Zeus então coloca o sexo na frente, para que assim pudessem gerar e reproduzir um no outro. Assim, quando um homem encontrasse uma mulher ocorreria o aumento da raça, e quando um homem encontrasse um homem ocorreria a saciedade que os levaria de volta ao trabalho.

Vale dizer aqui que a presença de Aristófanes no diálogo é uma questão a ser levantada e analisada. Uma vez que, em *As Nuvens*, Aristófanes ridiculariza Sócrates, o

chamando de sofista³. A questão da presença de Aristófanes no diálogo não é motivo do atual trabalho, mas independente da razão, a sua fala contou com aspectos interessantes a respeito de Amor, mostrando a sua origem na antiga natureza humana, e o impulso que isso causa na procura pela outra metade a fim de que se torne inteiro novamente.

Aristófanes encerra seu discurso se dirigindo novamente à Erixímaco pedindo para que não faça comédia de seu discurso, dizendo que tal pedido é necessário para que os demais possam fazer seus discursos, já que ainda restam Agatão e Sócrates. Erixímaco o elogia e depois diz que Sócrates e Agatão são entendedores das questões do Amor e por saber disso, não teme uma possível falta de argumentos.

Sócrates diz que se sua apresentação fosse após a de Agatão, Erixímaco teria razão em temer pela falta de argumentos. E após rebater Agatão a respeito de quem se mostraria melhor naquele momento, aparece Fedro orientando para que deem andamento ao que haviam estabelecido e continuando os discursos em louvor ao Amor e que deixem dessa conversa independente do que ela poderá a vir resultar. Agatão concorda com Fedro e diz que terá outras oportunidades de continuar a conversa com Sócrates e passa então ao seu discurso.

1.2.7 O DISCURSO DE AGATÃO

Chega então a tão esperada vez de Agatão, que se propõe primeiramente a esquematizar a sua fala e depois propriamente se propor a discursar. Ele que era um famoso poeta e que havia acabado de vencer uma competição de tragédias, como já foi mencionado. Todos se encontravam atentos ao seu discurso, uma vez que era de se esperar uma belíssima e emocionante fala vinda de um aclamado poeta.

Ele inicia dizendo que os discursos anteriores não foram elogios ao deus propriamente, mas sim aos “homens que felicitavam pelos bens de que o deus lhes é causador.”(195a) O que Agatão diz é que os discursos que antecederam se preocuparam apenas em dizer o que o deus oferecia aos homens, mas não do que realmente se tratava a natureza desse deus. De acordo com ele, a melhor maneira de fazer um elogio é explicar antes o que é o Amor e depois os efeitos. O elogio deve surgir a partir de uma

³Em *As Nuvens* Aristófanes considera haver dois tipos de ensinamentos de lógica no Pensamental: a filosófica ou lógica moral e a lógica sofística ou socrática.

explicação da natureza do objeto, do porque ela causa o que causa. Dessa forma, ele defende que seja necessário, primeiramente, louvar a natureza do Amor e depois louvar os dons provenientes dessa natureza. Agatão defende que o Amor é considerado por ele o deus mais feliz, mais belo, o melhor de todos e também o mais jovem:

E uma grande prova do que digo ele próprio fornece, quando em fuga foge da velhice, que é rápida evidentemente, e que em todo caso, mais rápida do que devia, para nós se encaminha. De sua natureza Amor a odeia e nem de longe se lhe aproxima. Com os jovens ele está sempre em seu convívio e ao seu lado; está certo, com efeito, o antigo ditado, que o semelhante sempre do semelhante se aproxima. (195b)

Agatão diz concordar com vários pontos da fala de Fedro, porém discorda de que o amor seja um dos deuses mais antigos, de que o Amor seja mais antigo que Crono e Jápeto. Para ele, o amor é, ao contrário, o mais novo dos deuses e além de jovem é também delicado; o que lhe falta é um poeta assim como Homero para apresentar toda essa delicadeza:

Assim, bela me parece a prova com que Homero revela a delicadeza da deusa: não anda ela sobre o que é duro, mas sobre o que é mole. Pois a mesma prova também nós utilizaremos a respeito do Amor, de que ele é delicado. Não é com efeito sobre a terra que ele anda, nem sobre cabeças, que não são lá tão moles, mas no que há de mais brando entre os seres é onde ele anda e reside. Nos costumes, nas almas de deuses e de homens ele fez sua morada, e ainda, não indistintamente em todas as almas, mas da que encontre com um costume rude ele se afasta, e na que o tenha delicado ele habita. [...] É então o mais jovem, o mais delicado, e além dessas qualidades, sua constituição é úmida. Pois não seria ele capaz de se amoldar de todo jeito, nem de por toda alma primeiramente entrar, despercebido, e depois sair, se fosse ele seco. [...] Quanto à beleza da sua tez, o seu viver entre flores bem o atesta; pois no que não floresce, como no que já floresceu, corpo, alma ou o que quer que seja, não se assenta o Amor, mas onde houver lugar bem florido e bem perfumado, aí ele se assenta e fica. (195e – 196a-b)

Agatão diz ser essas características o bastante para definir o Amor, mesmo ainda restando muitas delas, e no que diz respeito a sua virtude ele deixará para se ater depois. Continuando sua exposição, Agatão vai dizer que o Amor não é injusto e nem é injustiçado, seja com os homens ou com os deuses. Além de justo, é temperante, forte, o mais corajoso. Trata-se do mais belo e o melhor simplesmente pelo fato de ser em si mesmo. Assim temos que o Amor é primeiramente em si mesmo e depois se apresenta para os outros como a causa dos outros bens.

Agatão diz também que o semelhante buscará o semelhante, assim como o belo buscará a beleza, o justo buscará a justiça e assim em diante. Ele define o amor como o

belo, o belo como quem busca a beleza, logo o amor atrai a beleza. O amor como sendo a identificação entre o amante e o amado, o encontro entre semelhantes. Em forma de verso, o poeta apresenta o que o Amor é capaz de produzir: “paz entre os homens, e no mar bonança, repouso tranquilo de ventos e sono da dor”. (197c)

O Amor, segundo Agatão é o melhor porque:

É ele que nos tira o sentimento de estranheza e nos enche de familiarização, promovendo todas as reuniões deste tipo, para mutuamente nos encontrarmos, tornando-se nosso guia nas festas, nos coros, nos sacrifícios; incutindo brandura e excluindo rudeza; pródigo de bem-querer e incapaz de mal-querer; propício e bom; contemplado pelos sábios e admirado pelos deuses; invejado pelos desafortunados e conquistado pelos afortunados; do luxo, do requinte, do brilho, das graças, do ardor e da paixão, pai; diligente com o que é bom e negligente com o que é mau; no labor, no temor, no ardor da paixão, no teor da expressão, piloto e combatente, protetor e salvador supremo, adorno de todos os deuses e homens, guia belíssimo e excelente, que todo homem deve seguir, celebrando-o em belos hinos, e compartilhando do canto com ele encanta o pensamento de todos os deuses e homens. (197d-e)

Aristodemo conta que depois de Agatão ter finalizado seu discurso, todos os que estavam presentes o aplaudiram, já que seu discurso havia atendido tão bem às expectativas, e o poeta havia falado à altura do seu talento e também da dignidade do deus. Em seguida, Sócrates se dirigindo a Erixímaco diz que estava certo quando disse anteriormente de que como sua vez de discursar seria depois de Agatão, ele ficaria sem argumentos, pois Agatão falaria maravilhosamente bem. Erixímaco concorda com o fato de Agatão ter se expressado bem, porém não crê que Sócrates tenha ficado embaraçado e sem argumentos. Sócrates continua se considerando incapaz de proferir algo tão belo assim como fez Agatão, e em seguida diz que de início, por ingenuidade, ele achava que dizer a verdade fosse fundamental, e que se devesse dizer a verdade, somente a verdade sobre o que estava sendo elogiado. Entretanto o que havia sido feito até o momento não eram elogios belos, mas sim um exercício de acrescentar a coisa, no caso a Amor, tudo que há de belo, seja isso verdade ou não. Aqueles que haviam discursado até o momento não se preocuparam com a verdade, a única preocupação era a de:

acrescentar o máximo a coisa, e o mais belamente possível, quer ela seja assim quer não; quanto a ser falso, não tinha nenhuma importância. Foi com efeito combinado como cada um de nós entenderia elogiar o Amor, não como cada um o elogiaria. (198e)

Sócrates diz que ao concordar com o que haviam estabelecido no início, sobre cada participante da esquerda para a direita apresentar seu discurso da forma mais bela

que pudesse em louvor ao Amor; não sabia que esse era o modo de elogiar. E por assim ter sido, ele prefere apresentar seu elogio a sua maneira, passando longe de ser uma competição com os demais, pois se assim fosse ele poderia se colocar em risco. E então pede permissão a Fedro para que seu discurso seja baseado na verdade, somente na mais pura verdade e questiona se ainda há a precisão da sua fala. Fedro e os demais presentes concordaram que ele deveria apresentar seu discurso da maneira que achasse melhor.

1.3 CAPÍTULO 2: DISCURSO DE SÓCRATES OU DE DIOTIMA?

Logo no início do diálogo, Sócrates se apresenta com um ser entendido nas questões do amor (177e), assim como todos ali presentes, e por isso não recusaria a proposta de compor a rodada de discursos em louvor ao Amor feita por Erixímaco. E assim, depois de Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes e Agatão terem apresentado seus discursos, como haviam combinado, chega então a vez de Sócrates.

Veremos que Sócrates se volta para a maioria dos que discursaram anteriormente. Ele já começa criticando a maneira como os outros apresentaram seus elogios, dizendo que eles não teriam se importado com a verdade, mas somente em dizer a coisa, no caso o Amor, da maneira mais bela possível.

Pois eu achava, por ingenuidade, que se devia dizer a verdade sobre tudo que está sendo elogiado, e que isso era fundamental, da própria verdade se escolhendo as mais belas manifestações para dispô-las mais decentemente possível; e muito me orgulhava então, como se eu fosse falar bem, como se soubesse a verdade em qualquer elogio. No entanto, está aí, não era esse o belo elogio ao que quer que seja, mas o acrescentar o máximo à coisa, e o mais belamente possível, que ela seja assim quer não; quanto a ser falso, não tinha nenhuma importância. Foi com efeito combinado como cada um de nós entenderia elogiar o Amor, não como cada um o elogiaria. (198d-e)

E assim, depois de apresentar uma crítica geral aos que discursaram anteriormente, Sócrates anuncia o que se propõe a fazer: “Não vou mais elogiar desse modo, que não o poderia, é certo, mas a verdade sim, se voz apraz, quero dizer à minha maneira (...)” (199a-b).. Mas antes de iniciar seu discurso propriamente dito, ele pede permissão a Fedro para interrogar Agatão fazendo uso da dialética. Primeiramente Sócrates o questiona a respeito da natureza do Amor e depois sobre as suas características. E assim, Sócrates ao refutar Agatão faz com que o mesmo concorde com ele em todas às vezes e no final apresenta a conclusão de que o amor é o desejo de algo que lhe falta, pois geralmente se deseja o que não se tem. A argumentação se constitui da seguinte forma: se o amor atrai o belo, então o amor deseja o belo e se o deseja é porque não o possui, logo o amor não pode ser belo. Sócrates acaba por refutar o poeta fazendo-o se contradizer:

[...] lembra-te de que é que em teu discurso disseste ser o Amor; se preferes, eu te lembrarei. Creio, com efeito, que foi mais ou menos assim que disseste, que aos deuses foram arranjadas suas questões

através do amor do que é belo, pois do que é feio não havia amor. Não era mais ou menos assim que dizias? - Sim, com efeito - disse Agatão. - E acertadamente o dizer, amigo, declarou Sócrates; e se é assim, não é certo que o Amor seria da beleza, mas não da feiura? Concordou. - Não está então admitindo que aquilo de que é carente e que não tem é o que ele ama? - Sim - disse ele. - Carece então de beleza o Amor, e não a tem? - É forçoso. - E então? O que carece de beleza e de modo algum a possui, porventura dizes tu que é belo? - Não, sem dúvida. - Ainda admites por conseguinte que o Amor é belo, se isso é assim? E Agatão? - É bem provável, ó Sócrates, que nada sei do que então disse? (201a-c)

Sócrates se utiliza desse método justamente porque teria sido o método utilizado por Diotima com ele. Ele que também acreditava ser o Amor um grande deus e o mais belo, mas que depois da conversa com a sacerdotisa passou a não mais acreditar e sim ter uma nova concepção, na qual tratarei de expor aqui.

Somente após Agatão assumir ter se equivocado, já que os atributos apresentados pelo mesmo não poderiam ser desejados pelo Amor, é que Sócrates inicia seu elogio ao Amor, e para isso se utiliza de um possível relato de uma conversa sua com a sacerdotisa vinda de Mantinéia cujo nome é Diotima. Pouco se sabe a respeito da figura de Diotima, ela é apenas encontrada na obra *O Banquete*, onde, de acordo com Berquó (2016) retiramos as suas seguintes informações:

1) Diotima de Mantinéia era uma sacerdotisa; 2) Ela foi chamada a Atenas a fim de dar conselhos sobre como afastar uma peste; 3) As medidas sugeridas por ela afastaram a peste de Atenas durante 10 anos; e 4) Ela ensinou a Sócrates uma doutrina sobre o amor. (2016, p. 46)

E também no testemunho de Luciano de Samósata (2013), onde o mesmo a compara com Teano e a poetisa de Lesbos:

O segundo e o terceiro modelos serão a famosa Teano e a poetisa de Lesbos, e ainda, a acrescentar a estas, Diotima, uma, Teano, contribuindo para o quadro com a sua largueza de espírito, Safo com a elegância do seu modo de vida; e parecer-se-á com Diotima, não só naquelas qualidades que Sócrates lhe gabou, mas também no que diz respeito à sua inteligência e à sua prudência. (2013, p. 150 e 151 §18)

Entretanto, é na obra *O Banquete* de Platão que Diotima se faz mais presente, visto que no testemunho de Luciano de Samósata ela é apenas citada, de forma breve e somente em modo comparativo com outras filósofas da época, o que não permite maiores informações sobre sua figura. Dessa forma, é no diálogo platônico que conseguimos as únicas informações a respeito de Diotima, o que permite a imaginarmos

como uma sacerdotisa vinda de Mantinéia, que havia sido convidada a ir até Atenas com o intuito de dar conselhos contra a peste e estes teriam sido eficazes naquela época e, além disso, ela teria ensinado a respeito das questões do amor para Sócrates.

Sócrates, portanto, insere Diotima em seu discurso se utilizando dos detalhes de sua conversa com a sacerdotisa grega. Não se sabe nada além das informações apresentadas no diálogo sobre quem teria sido Diotima, o fato é que a sua existência nunca se deu por comprovada, assunto esse que também tratarei mais adiante.

Assim, o principal discurso apresentado no diálogo é baseado nos ensinamentos de uma mulher. Pois foi com a filósofa e sacerdotisa que Sócrates diz ter aprendido o conceito de Amor. O discurso de Sócrates é como se fosse uma subdivisão do diálogo, isto é, um momento que se restringe a apenas dois personagens: ele e Diotima. É preciso então estabelecer os motivos pelo qual seu discurso é considerado um dos mais importantes.

Em um primeiro momento, Sócrates diz ter repetido a Diotima o que Agatão havia dito anteriormente, ou seja, que o Amor se tratava de um deus belo e considerado o melhor. Diotima não concordando, diz que o Amor não poderia ser deus, belo, bom, feio, mau, sábio e nem ignorante. E que também dizer que ele não era belo, não significava necessariamente que ele era feio, na verdade o Amor não seria nem belo e nem feio, mas sim um ser mediador, uma espécie de intermediário entre os deuses e os homens. Ele estaria entre o belo e o feio, entre o bom e o mau, entre o sábio e o ignorante. Segundo a sacerdotisa a mediania do Amor estaria entre a sabedoria e a ignorância.

O amor deseja a sabedoria, pois o desejo é por aquilo que não se tem. Entretanto, o Amor não pode ser um completo ignorante, pois na medida em que ele reconhece a sua ignorância procurando por sabedoria ele não pode ser considerado como tal. Percebe-se nesse momento que Diotima caracteriza o Amor como bastante semelhante à figura de Sócrates, como se observa no seguinte trecho: “Com efeito, uma das coisas mais belas é a sabedoria, e o Amor é amor pelo belo, de modo que é forçoso o Amor ser filósofo e, sendo filósofo, estar entre o sábio e o ignorante.” (204b) Esse ser que não é metade ignorância e metade sabedoria, mas que é um ser sabido de sua ignorância. Assim sendo, o amor pela sabedoria, a arte de filósofo seria o meio termo entre a sabedoria e a ignorância. Portanto, de acordo com os ensinamentos de Diotima, o Amor não é um deus, como todos os discursos anteriores haviam afirmado, mas “um

grande gênio” (*daimon*), “algo entre o mortal e o imortal” (202d-e), e que teria o poder de

interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e aos homens o que vem dos deuses, de uns as súplicas e os sacrifícios, e dos outros as ordens e as recompensas pelos sacrifícios; e como está no meio de ambos ele os completa, de modo que o todo fica ligado todo ele a si mesmo[...] Um deus com um homem não se mistura, mas é através desse ser que se faz todo o convívio e diálogo dos deuses com os homens, tanto quando despertos como quando dormindo[...] E esses gênios, é certo, são muitos e diversos, e um deles é justamente o Amor. (202e – 203a)

Para apresentar a origem do Amor, Diotima se utiliza do mito do nascimento de Afrodite: o gênio Amor como sendo gerado da Pobreza (*Penia*) e do Recurso (*Poros*), tendo herdado assim características de ambos, do lado da mãe a miséria e do lado do pai a sabedoria:

Primeiramente ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe, sempre convivendo com a precisão. Segundo o pai, porém, ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e energético, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos, a filosofar por toda a vida, terrível, mago, feiticeiro, sofista. (203 d-e)

É justamente por conta dessas características que o Amor é uma mediana, é aquilo que deseja ser sábio e se deseja é porque lhe falta; mas ao mesmo tempo não totalmente ignorante, pois reconhece a sua ignorância. Cabe dizer aqui que Diotima apresenta a sabedoria como sendo aquela possuída pelos deuses e também como sendo aquela desconhecida pelos ignorantes, já que se estes a conhecessem também a desejariam. O desejo do Amor pela sabedoria é algo já inserido na alma, ou seja, só é desejado porque em alguma medida já é conhecido. Por isso o Amor é o meio-termo: se deseja aquilo que já se tem de forma incompleta, se deseja para que se torne completo.

Vemos que Diotima escolhe uma via totalmente contrária a de Agatão, uma vez que para ela o Amor não era um deus belo e sábio, mas um ser intermediário, um gênio, e que por assim ser desejava a sabedoria, porque lhe faltava, e a desejava para que se tornasse algo completo. Podemos assim, relacionar a sua posição com a figura do filósofo que não é considerado um sábio por completo, visto que reconhece a sua ignorância, mas ao mesmo tempo um amante da sabedoria, que a busca pelo fato de

reconhecer que não a possui por completo. E dessa forma, o Amor é o filósofo, explica Diotima:

Com efeito, uma das coisas mais belas é a sabedoria, e o Amor é amor pelo belo, de modo que é forçoso o Amor ser filósofo, estar entre o sábio e o ignorante. E a causa dessa sua condição é a sua origem: pois é filho de um pai sábio e rico e de uma mãe que não é sábia, e pobre. É essa então, ó Sócrates, a natureza desse gênio; quanto ao que pensaste ser o Amor, não é nada de espantar o que tiveste. Pois pensaste, ao que me parece a tirar pelo que dizes, que Amor era o amado e não o amante; eis porque, segundo penso, parecia-te todo belo o Amor. E de fato o que é amável é que realmente belo, delicado, perfeito e bem-aventurado; o amante, porém é outro o seu caráter, tal qual eu expliquei. (204b-c)

Diotima possui uma visão de completude diferente de Aristófanes, que dizia que o Amor seria o desejo alucinado em procurar a nossa outra metade perdida para que nos tornássemos completo novamente. Diotima defende que para nos tornarmos completo existe o Amor que reconhece a sua incompletude e deseja aquilo que lhe falta, no caso a sabedoria, e deseja justamente para se tornar completo.

Temos assim o estabelecimento da origem e da natureza do Amor através do relato de Sócrates que supostamente teria ouvido de Diotima. E posteriormente, têm-se uma investigação acerca dos efeitos do Amor no homem, a respeito dos quais Diotima afirma que somente por meio da conquista do que é bom é que se têm seres felizes. Partindo do pressuposto de que a felicidade é almejada por todos os homens, Diotima se utiliza do exemplo do poeta para distinguir os tipos de amores. Ela explica que a palavra poesia (*poiesis*) significa, de modo amplo, fazer, produzir algo, de modo que se pode dizer, nesse sentido, que todas as artes (*tekhnai*) são poesias e que todos os seus artesãos são poetas. No entanto, continua Diotima, sabe-se que os artesãos não são chamados de poetas e que nem tudo o que é produzido é denominado poesia, mas apenas o que se refere à música e aos versos (205b-c). Em outros termos, o que a sacerdotisa quer dizer é que há um sentido amplo da palavra poesia, que compreende todo tipo de produção, e um sentido restrito consagrado a um tipo particular de fazer, aquele relativo à música e aos versos, à poesia propriamente dita. De acordo com Diotima, o mesmo se dá com o Amor:

Em geral, todo esse desejo do que é bom e de ser feliz, eis o que é “o supremo e insidioso amor, para todo homem”, no entanto, enquanto uns, porque se voltam para ele por vários outros caminhos, ou pela riqueza ou pelo amor à ginástica ou à sabedoria, nem se diz que amam nem que são amantes, outros ao contrário, procedendo e empenhando-

se numa só forma, detêm o nome do todo, de amor, de amar e de amantes. (205d)

Em seguida, Diotima diz ser o Amor não uma busca pela metade ou pelo todo, mas sim uma busca do homem por aquilo que é bom e se amam é porque desejam, e sendo assim, desejam o bem. A sacerdotisa ainda acrescenta ser o Amor “um parto em beleza, tanto no corpo como na alma” (206b) e que a procriação no que é belo é, portanto, a forma que o homem encontrou de se immortalizar, de conquistar sempre o bem. Aqui, temos mais uma vez um momento em que a posição de Sócrates, através de Diotima, se opõe ao que foi apresentado por Aristófanes:

E de fato corre um dito, continuou ela, segundo o qual são os que procuram a sua própria metade os que amam; o que eu digo porém é que não é nem da metade o amor, nem do todo; pelo menos, meu amigo, se não se encontra este em bom estado, pois até os seus próprios pés e mãos querem os homens cortar, se lhes parece que o que é seu está ruim. Não é, com efeito, o que é seu, penso que cada um estima, a não ser que se chame o bem de próprio e de seu, e o mal de alheio; pois nada mais há que amem os homens senão o bem; ou te parece que amam?⁴ (205d - 206a)

O amor é desejo de procriação no belo, que é o mesmo que desejo de imortalidade, algo que se estende até para os animais: “a natureza mortal procura, na medida do possível, ser sempre e ficar imortal. E ela só pode assim, através da geração, porque sempre deixa um outro ser novo em lugar do velho.” (207d) Assim, de acordo com Diotima, a finalidade do amor é a procriação e geração no belo em função de um desejo de imortalidade. É somente nesse sentido que se pode dizer que cada espécie animal é imortal e permanece a mesma: embora os indivíduos morram, estes são substituídos pelos seus descendentes através da geração promovida pelo amor. O mesmo se pode dizer do indivíduo: da infância à velhice dizemos que é o mesmo homem pois ele sempre se renova, embora “perdendo alguma coisa, nos cabelos, nas carnes, nos ossos, no sangue em todo o corpo” (207d-e). E não é só no corpo que isso ocorre, diz Diotima, mas também na alma: os modos, os costumes, os sentimentos morrem, mas outros nascem e substituem os que morreram, de modo que se pode dizer que alma permanece a mesma. Mais estranho, continua Diotima, é que na própria ciência acontece o mesmo: pelo esquecimento, as lembranças se perdem, mas pelo

⁴ Essa passagem é interessante porque, como nota José Cavalcante de Souza citando Robin, o fato de Diotima conhecer o discurso de Aristófanes proferido no banquete é um indício de seu caráter fictício. Abordaremos esse problema mais adiante.

exercício, outras lembranças novas tomam o lugar das que foram, de maneira que a ciência permaneça viva e a mesma. A sacerdotisa então conclui:

É desse modo que tudo o que é mortal se conserva, e não pelo fato de absolutamente ser sempre o mesmo, como o que é divino, mas pelo fato de deixar o que parte e envelhece um outro ser novo, tal qual ele mesmo era. É por esse meio, ó Sócrates, que o mortal participa da imortalidade, no corpo como em tudo mais; o imortal porém é de outro modo. Não te admires portanto de que o seu próprio rebento, todo ser por natureza o aprecie: é em virtude da imortalidade que a todo ser esse zelo e esse amor acompanham. (208b)

A estrangeira de Mantinéia sustenta então que é pelo desejo de imortalidade, ou seja, pelo desejo de se tornarem renomados e alcançarem uma glória imortal, que os homens fazem as coisas mais espantosas como enfrentar todos os perigos, gastar sua fortuna, e até morrer. Aqui nós encontramos uma crítica ao que havia sido dito a respeito do sacrifício de Alceste e de Aquiles: não é por causa da virtude ou da coragem produzidos pelo amor que eles morreram por outro, tal como afirmava Fedro, mas pelo desejo de se tornarem imortais, pelo desejo de alcançarem renome e glória imortal (208d).

Assim, aqueles que se tornam amorosos e desejam conceber pelo corpo, diz Diotima, se voltam de preferência para as mulheres, pois pela procriação acreditam conseguir “imortalidade, memória e bem-aventurança por todos os séculos seguintes” (208e). Para aqueles que desejam mais na alma que no corpo, como os poetas e os artesãos inventivos, estes concebem “o pensamento e o mais da virtude” (209a), sendo que a forma de pensamento mais importante e mais bela, diz ela, é aquela que diz respeito aos negócios da cidade e da família, isto é, à prudência e à justiça. Quanto a estes fecundados na alma desde cedo, continua Diotima, quando atingem a idade oportuna e são tomados pelo desejo de conceber, procuram um corpo belo e o acolhem; e se encontram uma “alma bela, nobre e bem dotada”, então eles dão à luz “discursos sobre a virtude, sobre o que deve ser o homem bom e o que deve tratar” (209b-c). Esses discursos são os “filhos” gerados por esse amor, ao contato do que é belo; filhos mais importantes do que filhos humanos, diz Diotima, pois garantem uma memória e uma glória ainda mais imortal, tal como provam poetas como Homero e Hesíodo. Além disso, continua ela, os belos discursos gerados alimentam também o belo amado e o educam, e desse modo se cria entre eles “uma amizade mais firme, por serem mais belos e mais imortais os filhos que têm em comum” (209c).

Como observa Acker (2019, p. 124-125):

A imortalidade é, aliás, mostrada como uma conquista difícil para aqueles que legaram seus nomes à posteridade: ela exige um esforço, assim como a iniciação e o parto. Aqui está um ponto capital de seu diálogo com Sócrates, que demonstra sua diferença em relação ao pensamento pitagórico e platônico. A imortalidade não é a natureza essencial da alma, ela não é dada, mas, ao contrário, deve ser conquistada, pela geração de filhos do corpo e da alma. Se, como afirma Diotima, Eros deseja a imortalidade e sua presença é visível até mesmo no comportamento dos animais, então Eros funciona como um instinto natural de conservação das espécies! Então, o Amor não precisa da razão para alcançar seus fins, ele pode eventualmente utilizá-la, no caso dos seres humanos, para gerar virtudes e discursos. Em compensação, se tem algo de que ele tem absoluta necessidade, é da Beleza

Após ter falado dessas várias formas ou graus de amor, desde a procriação pelo corpo até a geração de belos discursos pela alma, Diotima expõe a seguir, na forma de uma verdadeira iniciação, o ato supremo de amor: alcançar o último grau do conhecimento através da contemplação do belo em si.

São esses então os casos de amor em que talvez, ó Sócrates, também tu pudesses ser iniciado; mas, quanto à sua perfeita contemplação, em vista da qual é que esses graus existem, quando se procede corretamente, não sei se serias capaz; em todo caso, eu te direi, continuou, e nenhum esforço pouparei; tenta então seguir-me se fores capaz: deve com efeito, começou ela, o que corretamente se encaminha a esse fim, começar quando jovem por dirigir-se aos belos corpos, e em primeiro lugar, se corretamente o dirige o seu dirigente, deve ele amar um só corpo e então gerar belos discursos; depois deve ele compreender que a beleza em qualquer corpo é irmã da que está em qualquer outro, e que, se se deve procurar o belo na forma, muita tolice seria não considerar uma só e a mesma beleza em todos os corpos; e depois de entender isso, deve ele fazer-se amante de todos os belos corpos e largar esse amor violento de um só, após desprezá-lo e considerá-lo mesquinho; depois disso a beleza que está nas almas deve ele considerar mais preciosa que a do corpo, de modo que, mesmo se alguém de uma alma gentil tenha todavia um escasso encanto, contente-se ele, ame e se interesse, e produza e procure discursos tais que tornem melhores os jovens; para que então seja obrigado a contemplar o belo nos ofícios e nas leis, e a ver assim que todo ele tem um parentesco comum, e julgue enfim de pouca monta o belo no corpo; depois dos ofícios é para as ciências que é preciso transportá-lo, a fim de que veja também a beleza das ciências, e olhando para o belo já muito, sem mais amar como um doméstico a beleza individual de um criança, de um homem ou de um só costume, não seja ele, nessa escravidão, miserável e um mesquinho discursador, mas voltado ao vasto oceano do belo e, contemplando-o, muitos discursos belos e magníficos ele produza, e reflexões, em inesgotável amor à sabedoria, até que aí robustecido e crescido contemple ele uma certa ciência,

única, tal que o seu objeto é o belo seguinte. [...]Quando então alguém, subindo a partir do que aqui é belo, através do correto amor aos jovens, começa a contemplar aquele belo, quase que estaria a atingir o ponto final. Eis, com efeito, em que consiste o proceder corretamente nos caminhos do amor ou por outro se deixar conduzir: em começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo, subir sempre, como que servindo-se de degraus, de um só para dois e de dois para todos os belos corpos, e dos belos corpos para os belos ofícios, e dos ofícios para as belas ciências até que das ciências acabe naquela ciência, que de nada mais é senão daquele próprio belo, e conheça enfim o que em si é belo. (210a-e 211a-c)

Ou seja, Diotima sugere a Sócrates como forma de atingir a sua perfeita contemplação: primeiro que ame os belos corpos e se sacie com esse amor passageiro; depois de reconhecer essa passagem, conclua que todos os corpos são iguais e consequentemente seu amor por eles será também igual. Passa então a procura pelo amor às belas almas, considerando que a alma seja mais preciosa que o corpo. Passando ao amor pelas almas descobrirá que este também pode ser encontrado de maneira igual em outras almas, o que faz com que, assim como nos belos corpos, se veja a beleza de maneira igual. Passado pelo amor aos belos corpos, depois pelo amor às belas almas, aparecerá o amor às ciências, onde o amor não terá individualidade, isto é, não terá unicidade na beleza, mas sim, como nas palavras de Diotima “voltado ao vasto oceano do belo” (210d). E assim, como consequência dessa multiplicidade produzirá discursos belos e magníficos, e contemplará uma única ciência, até que, conheça o que em si é belo, e assim gerar a verdadeira virtude.

A partir do momento em que Diotima coloca em dúvida a capacidade de Sócrates de atingir a perfeita contemplação, percebe-se que há uma transferência indo de uma via mais específica, do amor aos belos corpos, do amor às belas almas; para uma via mais genérica, que é o amor às ciências. O amor às ciências que envolve o chamado “vasto oceano do belo” como uma única ciência, sem individualidades do amor, que engloba o universal e é capaz de fornecer o conhecimento do belo. E, acredita ela, que essa é a única forma de contemplação do próprio belo.

Sócrates se mostra convencido com o que diz Diotima, e por assim ser, passa então a tentar convencer os outros convivas de que somente o Amor é capaz de alcançar a verdade e, por conseguinte o belo, o bem. E assim o Amor é o caminho para a verdade e por isso merece ser honrado pelo homem; para Sócrates, “um colaborador da natureza humana melhor que o Amor não se encontraria facilmente.” (212b)

Assim, temos que o principal discurso do Banquete é em torno das palavras da sacerdotisa Diotima. Ela apresenta a origem do Amor, a sua natureza e a partir desta última a sua definição. Assim, o Amor é definido como sendo o intermediário belo que busca o que lhe falta e por isso conduz à sabedoria. Logo, o Amor busca o conhecimento porque reconhece a sua carência. E por fim, apresenta a finalidade do Amor, em que o homem somente será feliz por completo na medida em que buscar sempre o que é belo e bom.

Não sabemos se a sua figura foi real ou se não passa de uma figura inventada por Platão, mas o que não podemos negar é que se ela realmente existiu, ela parece ter rompido com a tradição. Afinal, a mulher na Grécia Clássica contava com uma condição bastante restrita como já mencionado no capítulo anterior. Elas não podiam participar dos debates públicos e políticos, tais atividades eram exclusivas do sexo masculino. Essa situação nos faz pensar no motivo pelo qual Diotima se encontra inserida no diálogo platônico, e se a sua existência é real ou fictícia.

O que temos são várias teses a respeito da existência da figura de Diotima e me atentarei aqui a apresentar algumas delas. De acordo com Acker (2019) o fato de não existir outras referências a respeito da sacerdotisa não torna motivo suficiente para declarar a sua falsa existência ou até mesmo que ela seja uma “máscara de Sócrates ou de Platão”. Afinal, Sócrates já é considerado uma “máscara” de Platão, seria então necessária a criação de mais uma “máscara”? Sendo que o que foi dito pela Diotima poderia simplesmente ter sido dito por Sócrates? Sem que precisasse da invenção de mais uma personagem para mascarar o pensamento de Platão?

Acker (2019) diz que alguns estudiosos acreditam ser falsa a existência de Diotima, na medida em que ela parece conhecer todos os discursos que ocorreram no banquete⁵. Mas o que a autora defende é que novamente não se trata de um motivo que prova a não existência da sacerdotisa, uma vez que seria possível que ela conhecesse de outra maneira todas as concepções de Amor ditas pelos discursistas. Cabe dizer aqui que todos os participantes do banquete eram discípulos de conhecidos sofistas: Fedro era discípulo de Lísias, Pausânias, de Pródicos, Erixímaco, de Hípias, Agatão, de Górgias e Alcibíades, de Sócrates. E por assim serem, seus discursos eram justamente o pensamento de quem eles seguiam, o que reforça ainda mais a teoria de Acker a respeito

⁵Percebe-se em alguns momentos do discurso de Diotima que ela aparenta conhecer os discursos anteriores, por exemplo, quando ela refuta Aristófanes em 205e, como já observamos, ou quando retoma os casos de Alceste e Aquiles (208d) usados por Fedro em seu discurso (179b - 180b).

da existência de Diotima, pois ela poderia conhecer bem os pensamentos desses nas quais os personagens teriam baseado seu discurso e a partir disso estabelecido a origem, natureza, definição e finalidade do Amor, sem precisar ter presenciado o possível banquete.

Ainda de acordo com Acker (2019, p. 128), Diotima foi uma contribuição fundamental no que hoje entendemos por teoria platônica do Amor, visto que se trata de uma contribuição “intrinsecamente feminina, que valoriza o corpo feminino, a ética do cuidado, o amor materno e o delírio sagrado como essenciais à Filosofia”. A autora defende ser a sacerdotisa uma verdadeira filósofa já que foi considerada como uma mestra (207c) de Sócrates a respeito da sabedoria do Amor.

Aqui, rendemos homenagem a esta imensa filósofa, à professora de Sócrates, escandalosamente subtraída por uma História da Filosofia misógina e mentirosa, que não pode ou que não quer ver uma mulher na origem de uma das mais belas e promissoras doutrinas antigas, como aquela do Amor. (ACKER, 2019. p. 128)

De acordo com Berquó (2016), é comum carregarmos conosco a ideia de que só existem filósofos, assim mesmo, no masculino. É comum acreditarmos que a filosofia é composta apenas por filósofos, uma vez que são eles os mais comentados. Porém, o que pouca gente sabe é que existiram filósofas, assim, no feminino. Tivemos presença de mulheres filósofas que fizeram a diferença com as suas contribuições desde a Idade Antiga até a Idade Contemporânea. E se a existência de Diotima for verdadeira, ela pode ser considerada uma filósofa, já que foi ela quem ensinou Sócrates a respeito das questões do Amor. É necessário deixarmos de lado a falsa ideia de que a filosofia seja composta apenas por filósofos. É necessário deixarmos de lado toda a tradição machista envolvida e darmos vozes a todas as mulheres que fizeram e ainda fazem história no campo da filosofia. Elas merecem tal reconhecimento na medida em que fizeram grandes contribuições seja na criação ou no aperfeiçoamento de teorias e conceitos já ditos por filósofos.

Talvez seja justamente pelo motivo dos filósofos serem os mais comentados que faz com que não acreditemos na existência da sacerdotisa Diotima. Assim como a sua existência não se deu por comprovada, o banquete também não. Entretanto, por mais que o banquete possa não ter ocorrido, ainda assim existe a possibilidade da existência de Diotima em outro momento. Pode ser que Sócrates, Platão ou qualquer outra pessoa tenha ouvido os seus ensinamentos e passado adiante.

De acordo com Juliana Pacheco (2016), atualmente falar em filósofas é o mesmo que falar em “revolução”. Revolução no sentido de querer transformar o fato de a filosofia ter se tornado privilégio de homens e de tentar mudar esse contentamento de que só existiram filósofos no masculino. Segundo a autora, falar em “filósofas” é mostrar ao mesmo tempo indignação com o fato de que a palavra filósofo seja “restrita, exclusivamente e universalmente “masculinizada””.

Devido ao escasso relato da presença de mulheres na história da Filosofia, dificilmente encontramos relatos dessas pensadoras, principalmente em se tratando de filósofas da Antiguidade. E é justamente essa falta de relatos e informações que fazem com que continuemos com a falsa ideia de que não existiram filósofas. Essa falsa ideia decorrente da escassez de informação faz com que não tenhamos conhecimento das grandes contribuições das pensadoras envolvidas na história da Filosofia.

De acordo com Umberto Eco (apud BERQUÓ, 2016, p. 28): “Não é que não tenham existido mulheres que filosofaram. É que os filósofos têm preferido esquecê-las, talvez depois de terem se apropriado de suas ideias.”

A condição das mulheres na Grécia Clássica era restrita, elas não possuíam voz, elas não possuíam o direito de atuação na vida pública, e quando tentavam participar eram vistas como se estivessem se intrometendo em assuntos masculinos. Sendo assim, qualquer tipo de participação vindo delas poderia até ser relatada, porém, de forma acidental, e mais, descrita sob a visão masculina. E por isso, é muito provável que esses relatos tenham sido violados, tenham sido passados de forma parcial, isto é, de forma que a visão feminina fosse praticamente deixada de lado. Como se fosse uma visão masculina da visão feminina, e assim a visão masculina se sobressairia.

Nas palavras de Bárbara Goff (apud BERQUÓ, 2016, p. 47):

As mulheres eram proeminentes, entretanto, e, dada a sua exclusão de outras atividades públicas, a sua participação extensiva era anômala. As mulheres presidiam certas celebrações públicas e privadas, serviam aos deuses em numerosas posições oficiais e eram responsáveis por muita da atividade cultural que alimentava o bem-estar da casa e da cidade.

Assim, percebemos que, as mulheres gregas da época não participavam da mesma forma que os homens; seu papel era bastante restrito, pois eram vistas somente como reprodutoras, donas de casa e totalmente submissas aos seus pais e, depois do casamento, aos seus maridos. Sócrates, ao inserir Diotima em seu discurso, mostra

como uma figura feminina é capaz de falar tão bem do Amor, mesmo em uma época em que a mulher ocupava uma posição de inferioridade social diante dos demais. Por mais que a sua existência não se deu por comprovada, somente o fato de dar os créditos do ensinamento a uma mulher já mostra um rompimento com a tradição. Por mais que na Atenas Clássica houvesse uma rígida separação de gênero, por mais que o espaço público era totalmente recusado a ela, ainda assim: “há a notícia sobre atuação de Diotima de Mantinéia como sacerdotisa e filósofa na Atenas Clássica, tendo dado a Sócrates lições sobre o amor.” (BERQUÓ, 2016, p. 44) Berquó vai dizer ainda que a influência de Diotima sobre Sócrates e sobre a filosofia ocidental é profunda, e que de acordo com George (2006 apud BERQUÓ, 2016, p. 60), “Diotima não apenas merece ser ouvida e conhecida, mas também merece um lugar de honra na história da civilização ocidental.”

Segundo Mary Ellen Waith (apud BERQUÓ, 2016, p. 51), o filósofo italiano Marcílio Ficino foi o primeiro a negar a existência da sacerdotisa, dizendo que seria impossível existir uma filósofa mulher e assim, Diotima só poderia ser uma personagem fictícia. O que se trata de uma argumentação que possui certo fundamento na medida em que pensamos que Platão sempre se utilizou de figuras em seus diálogos, porém a existência da figura de Diotima é sempre questionada. Será que isso se deve ao fato de ela ser uma mulher? De acordo com o que diz Lynda George (apud BERQUÓ, 2016, p. 54), “Podemos concluir com alguma certeza que a razão fundamental pela qual Diotima não é aceita como uma pessoa real e histórica que viveu e ensinou Sócrates deve-se ao fato de que ela calhou de ser mulher e os homens dominavam o estudo da filosofia.”

O ponto levantado por Lynda George é bastante relevante, uma vez que, de todas as figuras apresentadas por Platão em seus diálogos, Diotima é a mais contestada. E a razão disso pode ser respondida através de dois argumentos: o primeiro que seria a não aceitação de uma mulher ensinar tão verdadeiramente sobre algum assunto, e o segundo que seria a pouca informação a respeito da sua existência, no caso, o argumento mais forte.

Sócrates reconhecia que nada sabia a respeito da sabedoria do Amor e reconhece ter sido Diotima a sua mestra (207c). E assim é por meio das palavras de uma mulher da época que Sócrates resolve basear o seu discurso. O discurso de Sócrates é o único que apresenta uma figura feminina como mestre, é o único discurso que apresenta o Amor numa perspectiva feminina, vinculado à procriação, e tudo isso dando credibilidade a

uma mulher da época. Mas como uma mulher daquela época teria credibilidade para ensinar um homem?

Segundo Andrea Nye (2015, apud BERQUÓ, 2016, p. 55):

Sim, alguém pode imaginar Sócrates discutindo com o venerável e celebrado filósofo Parmênides, ou expondo a superficialidade de um sofista como Hípias, ou ridicularizando a hipocrisia de benfeitores como Eutífron, mas receber lições de uma mulher e insistir que ele aprendeu tudo que sabe e acredita sobre o amor com ela tem forçado a credulidade acadêmica.

BERQUÓ (2016) defende a existência de Diotima, mas também apresenta as teses daqueles que se colocam contra essa ideia. Berquó reconhece as concepções contrárias as suas, mas ainda assim continua defendendo a existência de Diotima e ainda diz que tal existência é algo implícito no texto.

Especula-se que Diotima seria uma “autoalegoria de Sócrates” (PINHEIRO, 2011, p. 65) ou uma figura criada por Platão para “representar dois valores propriamente filosóficos (i. e., masculinos): reciprocidade e criatividade” (HALPERIN, 1990, p. 150). Ou como parte de uma “tríade entre esposa, prostituta e sacerdotisa” que possibilitaria a Platão “oferecer uma versão distinta da pederastia filosófica” (GILHULY, 2009, p. 97). Ou, ainda, “que Diotima fale em lugar de Sócrates porque este não quer assumir para si o conhecimento pleno das coisas do amor, haja vista que, segundo Alcibíades, ele se recusa a se sujeitar à posição de amante” (SANTOS, 2009, p. 10). Ou então que, “Platão (...) necessitava de uma mulher demoníaca [inspirada por seus poderes divinatórios] em cena e, por não poder introduzi-la física e diretamente por imperativos sociais, o faz por meio de Sócrates (...)” (RAMOS JURADO, 1999, p. 86). Vê-se, assim, que se fazem os mais sofisticados malabarismos retóricos, ao invés de assumir o que está explícito no texto: a existência de Diotima. (BERQUÓ, 2016, p.51-52)

De acordo com David Halperin (apud BERQUÓ, 2016, p. 52-53), o próprio significado do nome Diotima aponta para o fato de ela ser uma figura inventada. Segundo ele, o nome composto por raízes gregas significaria nada mais nada menos do que um jogo de palavras em que *Dios* significa Zeus (no caso genitivo) e *Timé* significa honra, logo, Diotima de Mantinéia significa “Honra de Zeus na cidade das Adivinhas”. Entretanto, ainda de acordo com ele, o significado não deve ser colocado contra a existência de Diotima, visto que naquela época nomes assim grandiosos eram comuns quando se esperava que uma garota fosse ser sacerdotisa. Halperin (1990) faz ainda uma comparação entre o vocabulário utilizado por Diotima e o utilizado nos outros

discursos, e nota que o vocabulário de Diotima é puramente feminino, o que comprova ainda mais a sua existência:

(...) por meio de um vocabulário enfaticamente polarizado pelo gênero e pelo aparato conceitual que ela emprega ao discuti-lo. (...) Na formulação de Diotima, homens ficam grávidos (kyeîn), sofrem de dores do parto (ôdís), carregam (gennân) e dão à luz (tíktein) descendentes e nutrem os seus jovens (tréphein). De fato, o alvo autêntico do desejo erótico, de acordo com Diotima, é a procriação (206e). O gênero de Diotima, então, não é meramente um fato periférico ou uma circunstância acidental, desconectada de seus ensinamentos; é aparentemente, uma condição de seu discurso e está inscrito no que ela diz. (HALPERIN, 1990, p. 117)

Macedo (2001) defende haver uma hipótese engenhosa, utilizando as palavras do próprio autor, de que a figura de Diotima está relacionada diretamente com a própria experiência amorosa de Platão com Díon, que ocorreu em Siracusa. Macedo (2001) não descarta a possibilidade de a sacerdotisa ser muito provavelmente uma invenção mítico-poético-filosófica, mas ao mesmo tempo reconhece que é ela quem apresenta a verdadeira face do Amor, é ela quem determina o correto caminho do amor. Assim sendo, podemos perceber que, segundo o autor, o fato de Diotima não se apresentar em outras fontes históricas nos dá a entender que ela muito provavelmente tenha sido uma figura inventada por Platão, entretanto, a verdadeira face do Amor é apresentada como sendo a sua concepção. A questão é que, Diotima existindo ou não, a principal concepção do Amor apresentada no diálogo é apresentada como sendo exposta por uma mulher da época. E se ela de fato existiu, ela poderia ter se contentado em ser apenas mais uma das mulheres daquela época submetida a tantas restrições, mas preferiu fazer diferente.

Em sua obra, Platão acaba oscilando a respeito da condição da mulher naquela época. É visto no início de *O Banquete*, que ele acaba banindo as flautistas de participarem do jantar festivo; em contrapartida, em seu discurso, prefere se utilizar das palavras de uma mulher para discorrer sobre o Amor. É como se a expulsão das flautistas no início fosse compensada com a fala de Diotima posteriormente, segundo Macedo. Entretanto, ainda segundo o autor, pode-se dizer que, na verdade não é a mulher que está tomando frente e parecendo querer quebrar com o silêncio a ela imposto naquela época. Na verdade, quem a faz falar é Sócrates, é ele que a insere no diálogo, e se não fosse ele talvez ninguém saberia a respeito da personagem.

Depois de apresentar as inúmeras teses a respeito da existência de Diotima, pode-se dizer que essa existência não interfere na credibilidade do discurso de Sócrates no diálogo. Seja quem for o autor ou autora do discurso que Sócrates apresenta como sendo de Diotima, há de se valorizar a argumentação.

1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo a compreensão da importância de Diotima no discurso de Sócrates no diálogo platônico *O Banquete*. O caminho foi primeiramente analisar os discursos que o antecederam, para então analisar o principal discurso da obra. Para essa compreensão, foi necessário analisar os detalhes mais importantes de cada um dos discursos referentes à primeira parte do diálogo, no caso os discursos de Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes e Agatão nessa respectiva ordem. Essa distribuição dos assuntos foi com a intenção que se conseguisse uma melhor compreensão do principal discurso analisado, o de Sócrates, no segundo capítulo.

Sendo assim, no primeiro capítulo foram analisados os cinco primeiros discursos presentes na obra, e que, de acordo com Sócrates teriam sido discursos baseados em simplesmente elogiar deus Amor da forma mais bela, sem se preocupar com a verdade. Por Fedro, o primeiro a discursar, o Amor foi considerado um dos “deuses mais antigos, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte.” (180b). Pausânias, por sua vez, divide o Amor em duas espécies: o Amor de Afrodite Pandêmia, vulgar, e o Amor de Afrodite Urânia, o chamado celestial. Sendo o amor entre corpos e o amor entre almas, respectivamente. Para Pausânias, somente o Amor da Afrodite Urânia era considerado belo e digno de louvor. Erixímaco, discordando de Pausânias ser o amor entre almas o único tipo de amor digno de beleza e de louvor; a partir dos seus conhecimentos médicos, vai dizer que o amor entre corpos, também o é. Uma vez ser o Amor o responsável pela harmonia entre os corpos e que o bom médico seria o responsável por ela. Aristófanes, o quarto a discursar, através do mito do Andrógino apresenta a origem do Amor, sendo o Amor a busca incessante pela nossa outra metade, pois somente a partir dela que se atingirá a felicidade. Agatão, o responsável pela comemoração e também o último a discursar antes de Sócrates, vai elogiar o Amor dizendo ser ele “o mais belo e o melhor, depois é que é para os outros a causa de outros tantos bens” (197c).

Finalizada a primeira parte envolvendo os discursos, chega então a vez de Sócrates, caracterizando a segunda parte e também a mais importante. Sócrates se propõe a dizer somente a verdade a respeito do Amor, e para isso se utiliza dos ensinamentos da sacerdotisa vinda de Mantinéia, Diotima. A partir da análise do discurso principal, foi visto que se trata do discurso mais importante do diálogo na

medida em que é o único discurso que se preocupa com a verdade e ao mesmo tempo em refutar a maioria daqueles que discursaram anteriormente. Foi levantada também a questão do problema da existência de Diotima, sobre o qual foram levantadas duas hipóteses: a primeira, a de que se ela tivesse existido teria rompido com a tradição da época, ou seja, ela teria rompido com a tradição, visto que naquela época as mulheres eram privadas de participarem da vida pública e eram totalmente isentas de autonomia; e a segunda, a de que se ela se trata de uma figura inventada, porque teriam inventado uma mulher e não um homem? Sendo que, naquela época, a mulher era vista de forma marginalizada e sem direitos de participação, pois muitos acontecidos eram tidos como masculinos. A própria exclusão da flautista no início do diálogo já nos permite imaginar o quanto a mulher era discriminada. Por que então Platão teria inventado uma mulher, e mais, uma mulher como sendo a mestra de Sócrates? Talvez Platão estaria buscando ali, ao inserir Diotima como uma mestra, uma nova maneira de ver a mulher grega.

Entretanto, é válido dizer que a existência de Diotima nunca se deu por comprovada, assim como o acontecimento do banquete. Pode ser que ela tenha ensinado Sócrates, Platão ou qualquer outra pessoa a respeito das questões do Amor, como também pode ser que ela não passe de uma figura mítica inventada. O que se pode dizer é que, embora seja comprovada a não existência de Diotima, o discurso ainda continua sendo o mais eficiente na obra. Uma vez que se tratou do único discurso envolvendo uma mulher como protagonista, como também um discurso que se preocupou com a verdade e com a refutação daqueles que antes haviam discursado.

1.5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PLATÃO. **O Banquete**. Trad. José Cavalcante Souza. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

PACHECO, Juliana (org.) **Filósofas: a presença das mulheres na filosofia**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. p.

MACEDO, Dion Davi. **Do elogio a verdade: um estudo sobre a noção de Eros como intermediário no Banquete de Platão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

LUCIANO DE SAMÓSATA. **As Imagens**. In: LUCIANO DE SAMÓSATA. Luciano [VII]. Tradução de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

OLIVEIRA, Richard Romeiro. Éros, Natureza humana e Filosofia no Banquete de Platão. **Hypnos**, São Paulo, v.36, 1º sem., p. 25-64, 2016.

ACKER, Clara. Diotima de Mantinea. Tradução de Ana Amélia Costa. **Revista Em Construção**, Rio de Janeiro, n. 5, 2019, p. 123-129.



MAYRA MENDES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Plano de Curso de Filosofia para o ensino médio apresentado ao Colegiado do Curso de Filosofia, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Prof. Dr. Luiz Roberto Takayama
Orientador

**LAVRAS – MG
2019**

2 PARTE 2 – PLANO DE CURSO

2.1 INTRODUÇÃO

Este plano de curso visa trabalhar a disciplina de filosofia, no Ensino Médio, a partir do conhecimento adquirido nas aulas da graduação como também na experiência obtida nos 4 (quatro) períodos de Estágio Supervisionado de Filosofia e no programa de Residência Pedagógica, da qual participei. Pensando em todas as dificuldades que possam ser encontradas, principalmente nas poucas aulas disponíveis para a disciplina, proponho um plano de curso que perpassa alguns assuntos temáticos priorizando os principais filósofos de cada assunto.

Os textos propostos neste plano de curso foram selecionados de modo que o aluno se sinta motivado com a filosofia. Para que ele consiga aprimorar as suas habilidades de argumentação e problematização, tudo isso a partir de conceitos filosóficos.

2.2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVO GERAL

O presente plano de curso será indicado para turmas de 2º ano do Ensino Médio, e sendo assim a proposta pressupõe um conhecimento prévio do aluno acerca da disciplina. E considerando a complexidade dos vários assuntos que podem ser trabalhados quando o assunto é Filosofia, este plano de curso possui o intuito de propor o desenvolvimento de leituras e reflexões filosóficas. O objetivo é que o aluno, a partir do conteúdo proposto, consiga refletir a respeito do contexto no qual está inserido e assim ser capaz de se tornar um cidadão crítico e participativo na construção da sociedade.

A partir de todo o percurso proposto neste plano de curso, a proposta é que o aluno consiga assimilar alguns eixos temáticos da filosofia, de modo que tal conhecimento contribua para o seu convívio em sociedade. Que ele consiga analisar, refletir, interpretar, criticar e aplicar os conceitos trabalhados no contexto no qual ele vive e propor soluções. Que o conteúdo estudado o estimule a entender a realidade e que ele desenvolva suas habilidades de análise crítica, de argumentação e questionamento.

2.3 METODOLOGIA

A proposta é um plano de curso de um ano letivo, dividido em quatro bimestres, cada bimestre contando com dez aulas, sendo uma aula por semana que é o que geralmente as escolas de educação básica disponibilizam para a filosofia. As aulas serão divididas em teóricas, que trabalharão as exposições dos conceitos, e aulas práticas em que os alunos farão provas, atividades e trabalhos que serão devidamente avaliados. Em cada bimestre uma aula será reservada para que os alunos realizem prova, uma ou duas aulas para atividades e/ou trabalhos. A nota do bimestre será uma soma da participação do aluno em sala de aula, a nota da prova e as notas de atividades e trabalhos. Será trabalhada a leitura e reflexão de textos filosóficos, a partir de trechos retirados das obras clássicas, de modo que possibilite o aluno o contato a partir da argumentação do próprio autor.

2.4 ESQUEMA GERAL DO PLANO DE CURSO

1º Bimestre - Ética

Aula 1: Introdução à Ética

Aula 2: Possíveis desafios éticos

Aula 3: Aristóteles

Aula 4: Aristóteles

Aula 5: Atividade no caderno

Aula 6: Kant

Aula 7: Kant

Aula 8: Atividade no caderno

Aula 9: Correção das atividades no caderno e Revisão dos conceitos.

Aula 10: Avaliação

2º Bimestre – Conhecimento

Aula 11: O que é teoria do conhecimento

Aula 12: Tipos de conhecimento/ Relação sujeito-objeto

Aula 13: Dogmatismo/ Ceticismo/ Criticismo

Aula 14: René Descartes

Aula 15: John Locke

Aula 16: Immanuel Kant

Aula 17: A ciência atual e os seus limites

Aula 18: Trabalho reflexivo

Aula 19: Revisão dos conceitos

Aula 20: Avaliação.

3º Bimestre - Política

Aula 21: Teoria do poder – Foucault

Aula 22: Atividade no caderno

Aula 23: A criação do Estado

Aula 24: Thomas Hobbes

Aula 25: John Locke

Aula 26: Jean Jacques Rousseau

Aula 27: Atividade no caderno

Aula 28: Trabalho reflexivo

Aula 29: Revisão dos conceitos

Aula 30: Avaliação.

4º Bimestre - Estética

Aula 31: Introdução à Estética

Aula 32: Ideias de Platão sobre a arte

Aula 33: Ideias de Aristóteles sobre a arte

Aula 34: Trabalho reflexivo

Aula 35: Percepção e arte

Aula 36: Obra de arte

Aula 37: Relação entre o belo/feio e o gosto

Aula 38: Obra: O Banquete - Platão

Aula 39: Revisão dos conceitos

Aula 40: Avaliação.

2.5 DISPOSIÇÃO DETALHADA DAS AULAS

Primeiro Bimestre

Aulas 1 e 2

Objetivo: O objetivo desta aula será apresentar, de modo introdutório, o que significa o termo Ética e de apresentar os possíveis desafios éticos que podem ser enfrentados. A proposta inicial da aula é a de instigar os alunos para um debate a respeito do que eles pensam sobre Ética, questionando-os sobre o que eles consideram ser uma boa conduta, sobre qual a diferença entre ética e moral e qual a importância da ética. Depois de apresentar e analisar casos envolvendo a ética, como por exemplos, questões relacionadas ao meio ambiente, preservação de recursos naturais, a vida e morte (bioética), e as relações entre economia e política, relações entre empresas e a sociedade, códigos de ética. Tudo isso apresentando filósofos que contribuíram com esse tipo de questão. Todo esse percurso de modo que os alunos compreendam as noções básicas de ética e que possam refletir sobre as suas ações cotidianas levando em conta tanto o âmbito individual quanto o coletivo.

Aulas 3 e 4

Objetivo: O objetivo desta aula será apresentar quem foi Aristóteles e as suas contribuições no que diz respeito às ações éticas, tudo isso apresentando seus principais conceitos a partir de trechos retirados da sua obra mais completa sobre o assunto: Ética a Nicômaco. O percurso terá início no que Aristóteles entende por ações humanas, bons costumes, virtude, meio termo, sumo bem e felicidade. A intenção é que ao final dessas duas aulas o aluno compreenda que, de acordo com o filósofo, todas as nossas ações tendem para um bem, que ele chama de “sumo bem” e que esse nada mais é que a felicidade. Logo, o indivíduo, vive em função de atingir a felicidade e para isso ele precisa necessariamente agir e não simplesmente pensar na boa ação.

Aula 5

Objetivo: O objetivo é que o aluno responda as questões propostas no caderno referente aos assuntos trabalhados ao longo das últimas quatro aulas, e assim possa recapitular e fixar mais o assunto trabalhado ao longo das aulas anteriores. A atividade será avaliada.

Aulas 6 e 7

Objetivo: O objetivo desta aula será apresentar quem foi Kant e qual a sua concepção acerca da Ética, de modo que o aluno compreende os seus principais conceitos. Assim, o percurso será entender primeiramente o que Kant entende por ações humanas e em que elas são baseadas, a distinção entre os dois tipos de razões (prática e teórica), o verdadeiro significado de vontade, liberdade e o que exatamente consiste o imperativo categórico, método criado pelo filósofo e quais seriam as regras universais. Para isso serão apresentados pequenos trechos da obra de Kant: *Metafísica dos Costumes*.

Aula 8

Objetivo: O objetivo é que o aluno responda as questões propostas no caderno, e assim possa recapitular e fixar mais o assunto trabalhado ao longo das últimas duas aulas. A atividade será avaliada.

Aula 9

Objetivo: O objetivo é que o aluno depois de ter realizado as atividades referentes à Ética aristotélica e kantiana, consiga comparar a sua resposta com a correção apresentada e sanar as suas possíveis dúvidas. Tal atividade funcionará como uma espécie de revisão para a prova no final do bimestre, de modo que o aluno consiga recapitular todos os conceitos e entender os principais pontos de cada filósofo.

Aula 10

Avaliação.

Bibliografia:

GALLO, Sílvio. *Filosofia: Experiência do pensamento*. 2ª Ed. São Paulo: Scipione, 2017.

ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

KANT, Immanuel. *Fundamentação à Metafísica dos Costumes*. Trad. Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Barcarolla, 2010.

Segundo Bimestre

Aulas 11, 12 e 13

Objetivo: O objetivo desta aula será apresentar quais as condições, origem, tipos, métodos e possibilidades do conhecimento. A intenção é que o aluno compreenda como é a relação do sujeito e o objeto na atividade do conhecimento, como se dá o processo e o que conseguimos conhecer de verdade (dogmatismo, ceticismo e criticismo). Entender como o conhecimento é possível, de que forma ele é demonstrado, justificado, e quais são os seus tipos (senso comum, filosófico, científico e teológico).

Aula 14

Objetivo: O objetivo desta aula será apresentar quem foi Descartes e qual a sua teoria para atingir o conhecimento indubitável. O percurso será mostrar a concepção racionalista do filósofo e o que seria exatamente o método cartesiano criado por ele.

Aula 15

Objetivo: O objetivo desta aula será apresentar quem foi John Locke e qual a sua concepção para atingir o conhecimento. A intenção é que o aluno consiga comparar a sua teoria com a teoria apresentada anteriormente (Descartes) e entender que, para Locke, o conhecimento é dado a partir das informações obtidas por meio da experiência e que somente após isso é que a razão pode articular e produzir algo.

Aula 16

Objetivo: O objetivo desta aula será lembrar quem foi o filósofo Kant, visto que o mesmo já foi trabalhado no primeiro bimestre, e mostrar qual a sua concepção para atingir o conhecimento. A intenção é que o aluno consiga comparar a sua teoria com as teorias apresentadas anteriormente (Descartes e Locke) e entender que Kant defende que o conhecimento é sempre produzido por meio da razão, entretanto, não se trata de uma razão pura, ou seja, essa razão depende das experiências sensíveis.

Aula 17

Objetivo: O objetivo desta aula é instigar os alunos a comparar as teorias de Descartes, Locke e Kant com a atuação das ciências nos tempos atuais. Mostrar que a ciência faz parte da filosofia e que todo o seu processo atual é consequência da ciência da Antiguidade.

Aula 18

Objetivo: O objetivo é que o aluno aprimore as suas habilidades de reflexão e de escrita e ao mesmo tempo revise os conceitos. A ideia é que os alunos façam um texto escrito abordando as quatro teorias do conhecimento trabalhadas no decorrer das quatro aulas anteriores, a proposta é que eles façam uma análise comparativa entre as diferentes ideias dentro do texto. A atividade será avaliada.

Aula 19

Ementa: Revisão dos conceitos.

Objetivo: O objetivo é que o aluno consiga recapitular os principais conceitos de cada filósofo estudado e sanar as possíveis dúvidas, de modo que se sinta preparado para a realização da prova na próxima aula.

Aula 20

Avaliação.

Bibliografia:

GALLO, Sívio. Filosofia: Experiência do pensamento. 2ª Ed. São Paulo: Scipione, 2017.

Terceiro Bimestre**Aula 21**

Objetivo: O objetivo desta aula é apresentar a noção de poder de acordo com Foucault. A intenção é mostrar que de acordo com o filósofo poder não é somente uma concepção de repressão, não é apenas um “bem”, mas sim algo que está envolvido em tudo o que envolve uma sociedade. E que o poder não está relacionado apenas com a política, mas também em outros tipos de relações, como por exemplo, as relações entre pais e filhos, entre amigos ou namorados, e etc. E a partir dessas pequenas relações, chamada pelo autor de *microfísica* do poder é que se tem o poder político nas *macro relações* sociais, no caso, o Estado.

Aula 22

Objetivo: O objetivo é que o aluno responda as questões propostas no caderno, e assim possa fixar melhor o conteúdo exposto na aula anterior. A atividade será avaliada.

Aula 23

Objetivo: O objetivo desta aula é de apresentar a mudança da estruturação do pensamento político e como se deu a criação do Estado. A intenção é mostrar que a partir das ideias políticas que surgiram no século XVII, surgiu também a necessidade de um “acordo” com o intuito de organizar a sociedade, sendo necessário, portanto, a criação do Estado.

Aula 24

Objetivo: O objetivo desta aula é apresentar quem foi Thomas Hobbes e qual a contribuição desse primeiro grande filósofo contratualista. O percurso será apresentar primeiramente a sua concepção de estado de natureza e depois o motivo da necessidade da criação do pacto social que transformava a multidão em povo, em corpo político, em Estado. A intenção é que ao final da aula o aluno compreenda o que Hobbes entende por cada um dos conceitos a seguir: estado de natureza, pacto social, multidão, povo, Estado e poder soberano.

Aula 25

Objetivo: O objetivo desta aula é apresentar quem foi John Locke e qual a sua concepção de estado de natureza, o que seria a lei natural da razão e qual seria o seu princípio básico. O percurso será apresentar primeiramente esses pontos, depois a função do contrato social, a criação da sociedade civil e o Estado e o direito de propriedade. A intenção é que ao final da aula o aluno consiga compreender os principais conceitos de Locke, e também em quais pontos a sua teoria diverge da teoria de Hobbes.

Aula 26

Objetivo: O objetivo desta aula é apresentar quem foi Rousseau e qual a sua concepção de estado de natureza, assim como o que ele entende por contrato social, propriedade, o que seria o indivíduo coletivo dotado da vontade geral, como se deu a instituição do Estado e quem seria de fato o soberano. A intenção é que a aula ofereça ao aluno condições de conseguir compreender a concepção do filósofo e também de conseguir comparar os seus conceitos com os conceitos estudados anteriormente, que o aluno consiga apontar quais as semelhanças e diferenças entre Hobbes, Locke e Rousseau.

Aula 27

Objetivo: O objetivo é que o aluno responda as questões propostas no caderno, e assim possa refletir mais a respeito do conteúdo exposto nas aulas anteriores. A atividade será avaliada.

Aula 28

Objetivo: O objetivo é que o aluno aprimore as suas habilidades de reflexão e de escrita e ao mesmo tempo revise os conceitos. A ideia é que os alunos façam um texto escrito abordando o que foi trabalhado nas aulas 23, 24, 25 e 26, a proposta é uma análise comparativa das teorias de cada filósofo trabalhado. A atividade será avaliada.

Aula 29

Objetivo: O objetivo é que o aluno consiga recapitular os principais conceitos de cada filósofo estudado e sanar as possíveis dúvidas, de modo que se sinta preparado para a realização da prova na próxima aula.

Aula 30

Avaliação.

Bibliografia:

GALLO, Sílvio. Filosofia: Experiência do pensamento. 2ª Ed. São Paulo: Scipione, 2017.

Quarto Bimestre**Aulas 31 e 32**

Objetivo: O objetivo desta aula é debater com os alunos a respeito do que eles consideram a estética e qual a sua relação com a arte e a filosofia. Fazendo com que compreendam o verdadeiro significado da Estética dentro da Filosofia, a sua relevância, origem, importância do sentimento estético e os seus objetos de estudo, ou seja, a relação do que é belo e feio.

Aula 33

Objetivo: O objetivo desta aula é apresentar algumas ideias de Platão acerca da arte, tal como a definição, a relação com as outras atividades humanas e as críticas propostas pelo filósofo.

Aula 34

Objetivo: O objetivo desta aula é apresentar algumas ideias de Aristóteles a respeito da arte e também de identificar o quanto elas se diferenciam das ideias de Platão vistas na aula anterior.

Aula 35

Objetivo: O objetivo é que o aluno aprimore as suas habilidades de reflexão e de escrita e ao mesmo tempo revise os conceitos. A proposta é a realização de um texto baseado no conteúdo trabalhado nas aulas 34 e 35, de modo que se tenha uma comparação entre as concepções de arte de Platão e Aristóteles. A atividade será avaliada.

Aulas 36 e 37

Objetivo: O objetivo desta aula é de iniciar questionar os alunos a respeito do que eles entendem por obra de arte e percepção. Em seguida mostrar que existem diferentes tipos de percepção e também vários critérios de definição de obra de arte. O objetivo geral dessas duas aulas é, a partir do debate, estimular a sensibilidade artística.

Aula 38

Objetivo: O objetivo desta aula é apresentar alguns trechos retirados do diálogo platônico O Banquete, com a intenção de fazer com que os alunos tenham um contato direto com a obra. Os trechos selecionados tratarão de explicitar melhor a relação que Platão faz das ações com o que é belo, assim como também o que ele quer dizer quando afirma ser o amor a busca pela beleza.

Aula 39

Objetivo: O objetivo é que o aluno consiga recapitular o significado da Estética na Filosofia e as concepções de arte de cada filósofo estudado. Assim como também sanar as possíveis dúvidas, de modo que se sinta preparado para a realização da prova na próxima aula.

Aula 40

Avaliação

Bibliografia:

GALLO, Sílvio. Filosofia: Experiência do pensamento. 2ª Ed. São Paulo: Scipione, 2017.

PLATÃO. O Banquete. Trad. José Cavalcante Souza. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

2.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DO CURSO

Com este plano de curso pretendemos apresentar, de modo satisfatório para alunos do ensino médio a importância da ética para a convivência em sociedade, as maneiras de entender o mundo, a origem da política e como ela faz parte do nosso cotidiano e também a relevância da estética dentro da filosofia. Tudo isso utilizando de pensadores que contribuíram com esses assuntos, fazendo com que os alunos tenham contato direto com eles através de alguns trechos retirados de obras clássicas. A ideia é que através do debate os alunos se sintam motivados a participar da aula e por meio das atividades envolvendo a escrita de textos comparativos reflexivos seja uma forma de preparar os alunos de modo que eles aprimorem cada vez mais as suas habilidades de escrita.